

Rafael da Luz Ribeiro

***“ERA O TIPO DE EU VIVER” – RELAÇÕES ENTRE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ETNOECOLOGIA EM
NARRATIVAS DO VALE DO JATI.***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção do
diploma de licenciado.

Orientador: Prof. Msc. Davi
Henrique Correia de Codes

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Rafael da Luz

“Era o tipo de eu viver” – Relações entre educação ambiental e etnoecologia em narrativas do Vale do Jati / Rafael da Luz Ribeiro; orientador, Davi Henrique Correia de Codes, SC, 2018.
73p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,

Inclui referências.

1. Educação Ambiental. 2. História Oral. 3. Etnoecologia. 4. Saberes Populares. 5. Narrativas. I. Henrique Correia de Codes, Davi. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Rafael da Luz Ribeiro

**“ERA O TIPO DE EU VIVER” – RELAÇÕES ENTRE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ETNOECOLOGIA EM
NARRATIVAS DO VALE DO JATI.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Licenciado” e aprovada em sua forma final pelo Centro de Ciências
Biológicas

Florianópolis, 29 de novembro de 2018.

Prof. Dr. Carlos Roberto Zanetti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.º Msc. Davi Henrique Correia de Codes
Orientador
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Prof.º Dr. Leandro Belinaso Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof.ª Msc Silvane Dalpiaz do Carmo
Membro da banca

Prof.ª Dra. Natalia Hanazaki
Universidade Federal de Santa Catarina.
Suplente

Este trabalho é dedicado aos guardiões das histórias desse povo guerreiro que vive no Vale do Jati, aos meus avós *in memoriam* e aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar meus agradecimentos aos meus pais, a ligação mais estreita que eu tenho com o Vale do Jati e todo seu histórico, por todo apoio e compreensão, por acreditarem em mim e dedicarem suas vidas, sempre me apoiando em minhas lutas em busca dos meus objetivos pessoais e profissionais. Mãe, seu cuidado e dedicação foi o que me deram, em muitos momentos, a esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada.

À Dona Laíde, Dona Noêmia, Seu José Bonifácio, Seu Elias, Dona Jesuína e Seu José de Afonso, guardiões do Vale do Jati, pelo acolhimento e pelas histórias, pelo mate que esquentou o inverno e pelas memórias trazidas de um passado, pra mim desconhecido.

Ao Tio Zé e a Rosana, por cederem seu espaço aconchegante como alojamento para os dias de pesquisa e vivência, e também pela amizade e parceria que sempre uniu nossas famílias.

Ao Tio Raul, por demonstrar que a resistência é diretamente proporcional ao amor pelo lugar em que se vive.

Ao meu orientador, Davi, que acolheu meu sonho de relacionar minha pesquisa acadêmica ao Vale do Jati, por todas as orientações e por me mostrar outros mundos por onde permeia a educação ambiental.

Aos professores Leandro Belinaso, Silvane Dalpiaz do Carmo e Natalia Hanazaki membros dessa banca e ao professor Marcelo Gules Borges, por dedicar seu tempo nas correções e recomendações do projeto.

Ao Ariel Ribeiro, meu irmão e amigo, e aos meus amigos e colegas de profissão, Marcel Comin, pela ajuda nas pesquisas e vivências realizadas no Jati.

À todas as professoras que me acompanharam durante a graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde cursei a primeira metade do curso, em especial às professoras Marina Comerlatto da Rosa, Renata Lopes, Rosana Casagrande, Simone de Fátima Flach, que foram importantes na minha (des)construção pessoal, por acreditarem numa educação autônoma e crítica e por todo apoio durante minha permanência pelos corredores do bloco M.

Aos (às) professores (as) da Universidade Federal de Santa Catarina que selaram a minha formação e que foram muito importantes na conclusão dessa etapa acadêmica.

Aos colegas do Departamento de Engenharia Ambiental da Eletrosul, pelo período de convívio e por todo o aprendizado, pelo carinho e pela amizade que fiz durante meu estágio.

Aos meus velhos amigos da linda PGcity, à toda galera do Bar da Tia e aos novos amigos que tive a oportunidade de conhecer durante minha estadia aqui na ilha de Santa Catarina, por todos os momentos de descontração, apoio, críticas, conflitos e pelos acampamentos surpresa e pelas rodas de conversa e música que foram, sem dúvida, a válvula de escape e prevenção a quaisquer transtornos psicológicos causados pela vida acadêmica.

Aos meus parentes e familiares, por toda força e apoio, por todos os desejos de sorte e realização desse sonho. Em especial ao Tio Marcos, o irmão mais velho que não tive, por todas as vezes que me ajudou nas problemáticas pessoais e familiares.

À minha companheira, parceira e namorada, Mari, pessoa com que amo compartilhar a vida. Pela sua ajuda nos preparativos de retorno a comunidade, e por todo seu apoio que me concede dentro e fora da universidade. Com você tenho me sentido mais vivo, de verdade. Obrigado pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria que foi essa última etapa da minha graduação.

Enfim, a todos (as) aqueles (as) que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo cada dia mais essa história valer a pena!

Aos que por descuido esqueci-me de nomear, aos que desejaram sorte e boas energias, aos que torceram para que eu atingisse meus objetivos e aos que me dedicaram suas rezas e orações.



Ao nascer, o ser humano começa a participar do mundo e a construir História. Estudar, entender e conhecer mais sobre os fatos históricos, sociológicos e culturais de nosso tempo é compreender que somos parte da estrutura complexa, dinâmica e ativa que é construída a cada segundo de existência da vida...

Por estarmos vivos, fazemos parte dos momentos, dos fatos e do desenrolar da história humana, construindo-a, mesmo que de maneira indiferente.

“TUDO É HISTÓRIA! HISTÓRIA É VIDA!”

Texto: recorte da exposição permanente do Maior Cajueiro do Mundo
Nísia Floresta – RN

Foto: Paisagem no Vale do Jati, de autoria própria

RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar os modos de perceber e se relacionar, junto ao ambiente, de antigos moradores do Vale do Jati. Através de visitas a campo, realizadas entre 2016 e 2018, utilizando entrevistas baseadas em história oral e registros em fotografias, buscou-se perceber e compreender como o ambiente está estabelecido sob o ponto de vista desses moradores rurais que ali vivem. Para a colheita das narrativas dos sujeitos, realizaram-se algumas visitas ao lugar com a finalidade de me aproximar mais dos seus elementos cotidianos, assim como, permaneci por um período de vivência no lugar, conversando com seus moradores mais antigos e ouvindo suas histórias e percepções. O meu histórico de vida no lugar já me indicava um conjunto de impactos e consequências advindas das mudanças socioambientais, e trazia-me questões sobre o que eu poderia, como futuro biólogo, professor e educador ambiental, fazer para entender a realidade que se demonstrava difícil e sofrida para os moradores dessa comunidade rural, motivando-me a realização da pesquisa junto aos moradores. Sendo assim, através de um compilado de informações geográficas, fotografias e histórias narradas colhidas, atirei-me na escuta atenta e investigativa e com isso pude ampliar a compreensão acerca do conhecimento popular sobre este ambiente, em que há tempos, antigos sujeitos vivem e realizam suas atividades, observam e interagem com a natureza, e consolidam-se assim, como sujeitos potentes e ativos na prática da educação ambiental. Por fim, o compartilhamento destes saberes de maneira coletiva, foi uma aposta de articulação e criação de uma rede de atuação pelo cuidado tanto da região quanto dos portadores dos saberes tradicionais dali, sujeitos ecológicos e principais responsáveis no processo de transformação e manutenção deste ambiente e de seus sentidos.

Palavras chave: Educação Ambiental, História Oral; Etnoecologia, Saberes Populares; Narrativas.

ABSTRACT

This research sought to investigate ways of perceiving and relating to the environment of former residents in the Vale do Jati. Through field visits, conducted between 2016 and 2018, interviews based on oral history and records in photographs, sought to perceive and understand how the environment is established from the viewpoint of rural-dwellers living there. For collection of narratives, was realized some visits in the place of study, with the purpose of come closer to the everyday elements, was realized a period of living in the place, talking with its older residents and listening to their stories. My life history with the place in front of my perception of the environmental changes indicated a set of socio-environmental impacts, and brought me questions about what could do, as a future biologist, teacher and environmental educator, do to for understand this reality that remained difficult and suffered to the rural community. Through a geographic data compiled photographs and stories narrated, I threw myself into the investigative listening and with that I was able to perceive the amplitude of the popular knowledge of the subjects about the environment in which they have lived for a long time, observing and interacting with nature actively in the practice of environmental education, being thus the main responsible in the process of trans-formation and maintenance of the same and their senses.

Keywords: Environmental Education, Oral History; Ethnoecology, Popular Knowledge; Narratives.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. INTRODUÇÃO: OS PRELÚDIOS DA ESTRADA.	14
1.1 AS PEGADAS, O CAMINHO E O CAMINHAR.....	14
1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SEU ENCONTRO COM A ETNOECOLOGIA.....	15
1.3 UM PEDAÇO DO VALE DO RIBEIRA: UM OUTRO VALE, O DO JATI.....	18
1.4 MOTIVAÇÕES E DESÍGNIOS DA ESTRADA.	20
2. METODOLOGIA	23
2.1 “UM JEITO DE VIVER NO VALE DO JATI”: OS MEIOS DE SE FAZER PARTE DO AMBIENTE.....	23
2.2 O ELENCO DESSA HISTÓRIA AMBIENTAL.....	28
2.3 “O SENHOR DEVE DE SABER QUE UMA TERRA VALE PELO QUE PRODUZ, MAS ELA PODE VALER MAIS AINDA PELO QUE ESCONDE!”	33
3. AS HISTÓRIAS E SUAS REFLEXÕES.	38
3.1 “AS LOMBAS CANTADAS NO VALE DO JATI”: OS LIMITES CULTURAIS DO AMBIENTE.	38
3.2 “DO RIBEIRINHO AO RIBEIRÃO”: AS LINHAS TÊNUES DO VALE.	40
3.3 “ERA MATO TUDO, TUDO ESSAS LOMBAS AÍ ERA MATO, TUDO”: AS MUDANÇAS NA PAISAGEM.....	42
3.4 “É COMPLICADO, A LEI DO COMÉRCIO PREJUDICA O HOMEM”: AS RELAÇÕES DE TRABALHO E CONSUMO.....	45
3.5 “EU ME CRIEI DORMINDO NUMA ESTEIRINHA DE PIRI”: ETNOCONHECIMENTO E OS MODOS DE VIVER NO AMBIENTE	50
3.6 EU GOSTO DA NATUREZA, DE ANDAR PROS MATO: PERTENCIMENTO AO LUGAR.....	55
3.7 “MEU FILHO, EU LHE CONHEÇO UMA SAÍDA, CASO VOCÊ DECIDISSE SER CONTADEIRO.”.....	56
4. OS DESFECHOS EM BUSCA DE UM NOVO COMEÇO	59

CONCLUSÃO	65
QUANDO A GENTE MAIS PRECISA DO TEMPO.....	65
APENDICE 1 – Mapa de localização dos moradores na Bacia do Vale do Jati	70
APENDICE 2 – Roteiro de questões-guias para entrevistas.	71

APRESENTAÇÃO

Nessa vida estou Rafael, 29 anos de caminhada. Nascido em Ponta Grossa, principal cidade dos Campos Gerais, região do segundo planalto paranaense.

Sou o mais velho de 4 irmãos e desde o início da adolescência fui cobrado a ter responsabilidade de “cuidar e manter as coisas em ordem e organizadas”. Desde criança tinha muitas curiosidades quanto a natureza, sempre buscava um olhar investigativo e analítico para tudo que via entre as montanhas, rios, florestas e praia.

Lembro-me desde minhas primeiras memórias, das viagens de família, em que ficava admirado com as paisagens percorridas, morros, rios e tudo que via como parte da natureza. Gostava de imaginar como seria se eu “fosse” parte dela, se pudesse entrar naquela selva verde e viver ali, pois tudo que eu via possuía uma harmonia entre seus elementos, diferente dos meios urbanos, que desde já me desagradaram com seus barulhos, paisagens e conflitos.

Muito do que eu sentia nessa “curiosidade” desdobrava-se nos meus anseios de me aproximar desses lugares, e fazer parte deles, como um aventureiro que se lança em uma mata fechada querendo desbravar e descobrir algo novo. Minha “essência” sempre foi voltada pras ciências naturais.

Sempre fui o “ambientalista/naturalista da turma”, e eu adotei o epíteto como parte do meu nome. Lembro que a primeira profissão que veio na minha cabeça, quando me perguntaram o que eu seria quando crescesse, foi “Biólogo”, e ainda sempre dizia que queria morar num sítio, trabalhar em uma escola rural. As pessoas sempre se mostraram empolgadas com a ideia, embora alguns torcessem o nariz, porque: “isso não tem futuro”, “no mato é difícil viver”, “isso não dá dinheiro”, “vai morrer de fome”, “vai virar hippie”, etc...

Os adultos não sabem o poder que as palavras têm a ponto de roubar os sonhos e a alma de uma criança e isso se reverbera por tempos e às vezes pela vida toda. Mas aprendi que todo adulto pode voltar a ser criança. Voltar a sonhar como criança.

Aos poucos fui entendendo que as pessoas não poderiam compreender a forma com que eu percebia o ambiente e as relações que ocorrem em minha volta, justamente pela subjetividade de olhares e vivências. Conclui que de alguma forma deveria mostrar a elas como as coisas simples das nossas vidas podem nos atingir diretamente e como o ambiente se molda conforme nossas posturas e comportamentos

pontuais, não só com a natureza, mas também com as pessoas que vivem nela e que são partes intrínsecas dela.

O curso Técnico em Meio Ambiente foi o marco de quando e como eu me percebo e me reconheço como um Educador Socioambiental em formação, diante de todas minhas experiências que me trouxeram bagagens culturais e emocionais e que contribuíram para que eu caminhasse por estes caminhos percorridos, até os dias atuais.

Foi durante esse período que adentrei nos estudos nas áreas de Gestão e Educação Ambiental, nos estágios e vivências que me guiaram para uma aproximação com o Vale do Jati, que sempre foi pra mim um ambiente de descanso nos feriados e de festas e confraternização com os familiares, e que agora passou a ser área direta de estudo e planejamento de um destino que parecia incerto e duvidoso.

Mas não me deixei levar pelas dúvidas, queria saná-las com mais investigação, resolvi ir para graduação, prestei vestibular para Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde concluí a primeira metade do curso, transferindo posteriormente para a Universidade Federal de Santa Catarina, motivado pela busca de outros ambientes e outras visões desse mundo em constante transformação.

Embora um pouco mais longe do Vale do Jati e agora buscando um caminho de volta com um plano de vida onde pudesse alinhar meus interesses pessoais com os objetivos profissionais, pude ver o Jati de longe, só que “mais de perto”, e analisar com a curiosidade de criança, as formas de “cuidar e manter as coisas em ordem e organizadas.”

Diante de toda minha caminhada até aqui, as ocasiões me colocaram em reflexões que evidenciam algumas problemáticas, econômicas e ecológicas como consequências da desvalorização do ser humano como parte da natureza. As pessoas se dividem e o modo capitalista ganha cada vez mais territórios físicos e culturais numa sociedade que dá mais importância e valor para o desenvolvimento urbano que rural, bem como suas formas de desenvolvimento social baseadas no trabalho de larga escala, consumo exacerbado e exploração dos recursos naturais para geração e acúmulo de riqueza.

E nesse ponto, deparo-me com outras perguntas geradas por uma Educação Ambiental pensada de forma mais atenta e crítica, e ainda, com os obstáculos que teria pela frente, principalmente, o de entender a dinâmica dos moradores, ou seja, as formas e maneiras que eles se relacionam com o ambiente, bem como a sua percepção, de que forma eles veem esse ambiente, para assim entender de que forma eles estão sendo afetados e/ou lidam com as problemáticas socioambientais e com qualquer descaso do governo com a região e nas suas decisões coletivas.

Então, procurei o Professor Davi de Codes, que veio a ser meu orientador, com a proposta de pensar em como trabalhar a educação ambiental, de forma a responder essas perguntas e superar esses obstáculos, com o entendimento de que não teria outra forma de respondê-las senão tendo o contato direto, observando e ouvindo os próprios moradores da comunidade. Quem melhor para entender os problemas locais do que aqueles que ali vivem? Assim iniciei uma jornada por literaturas de estudos nas áreas de educação ambiental e etnoecologia para planejar toda essa aproximação que é pra mim o primeiro passo para todo o futuro planejado desde que entrei para a graduação.

O presente trabalho é uma semente plantada de um acúmulo de ideais e representa o início de uma história de trabalhos e (re)construção: minha como educador ambiental, biólogo e professor; do ambiente em alternância de paisagens e das pessoas com as quais compartilho esse mundo, desenvolvendo assim, de forma integrada, os diferentes jeitos de viver, pensar e ser, com a natureza.

A escolha do lugar se deu diante as pretensões futuras de engajamento participativo e político junto à comunidade, para a realização de projetos que visem o desenvolvimento territorial sustentável com a participação popular, de forma a buscar uma nova versão na realidade socioambiental anteriormente mencionada, agora algo de gestão coletiva, assim como, em busca de uma melhoria na qualidade de vida não somente da comunidade, mas de toda a região do vale do Ribeira.

A ideia da pesquisa também refletiu na minha questão pessoal, em como me tornar educador ambiental inserido na comunidade, diante de possibilidades das quais pretendo colocar em prática na região, visando às melhorias necessárias e intermediando os conhecimentos tradicionais e científicos. Como o título sugere, este trabalho está organizado de forma a situar o leitor como se estivesse presente dentro do Vale do Jati, caminhando por suas estradas e carreiros, enquanto adentra num mundo de histórias e pensamentos, com fotografias distribuídas por todo o corpo do texto na intenção de também narrar os elementos abordados em cada seção, sem a utilização de legendas, deixando em aberto a imaginação de cada um em seu encontro com ambiente e com os modos de viver dos ribeirinhos do Vale.

Ao longo do primeiro capítulo, faço uma breve contextualização teórica nas áreas da Educação Ambiental e Etnoecologia. Indicando também a região onde se localiza a área de

pesquisa, trazendo alguns aspectos socioambientais e características locais. Finalizo com a apresentação das minhas motivações e objetivos de pesquisa.

No decorrer do segundo capítulo, descrevo a metodologia e as escolhas que fiz, bem como a aproximação com o local onde a pesquisa ocorreu, indicando os sujeitos que contribuíram com suas narrativas, e por fim, esclareço as etapas realizadas para a execução do trabalho.

No terceiro capítulo trago as narrativas e as percepções dos sujeitos, junto às reflexões em cima de cada tema abordado. Este capítulo está subdividido em: elementos naturais (lombas e rios); percepção na mudança da paisagem; relações nas práticas de trabalho; etnoconhecimento; e pertencimento ao ambiente. Ainda no terceiro capítulo, escrevo uma subseção em que trago algumas inferências pessoais quanto a minha vivência no lugar, e as possibilidades de atuação junto à comunidade, e finalizo com um texto onde descrevo o encontro de retorno e devolutiva para a comunidade, com reflexões sobre os saberes e o sentir-se parte do lugar, apontando caminhos propostos para projetos coletivos futuros.

No quarto e último capítulo, trago as considerações finais sobre as questões socioambientais levantadas com a pesquisa e, por fim, além de uma avaliação das ferramentas e escolhas utilizadas neste trabalho.

Espero que apreciem a leitura e que esta possa lhes trazer novas visões sobre os encontros entre Educação Ambiental e Etnoecologia junto ao Vale do Jati.

Boa Leitura!

1. INTRODUÇÃO: OS PRELÚDIOS DA ESTRADA.

1.1 AS PEGADAS, O CAMINHO E O CAMINHAR.

Estudos como de Codes e Barzano (2015), Ganzarolli Martins (2015) e Da Silva et al. (2010), têm se voltado para a investigação da percepção de sujeitos locais sobre o ambiente em que vivem e como se relacionam com a natureza. Assim como o presente trabalho, o qual se pretendeu juntar estudos nos campos da Educação Ambiental e da Etnoecologia, com a finalidade de levantar e compreender os elementos socioambientais da região conhecida como Vale do Jati.

A intenção era buscar as memórias e as percepções que os longevos moradores da região têm sobre o ambiente, dentro do Vale, através de narrativas orais e registros fotográficos. Essa análise possibilitaria uma compreensão histórico cultural¹ do lugar, das suas mudanças e das relações socioambientais que ali ocorrem.

Outros desdobramento pensados pela pesquisa, seriam a identificação dos saberes populares transmitidos de geração em geração ao longo do tempo, além de um conjunto de informações cartográficas, físicas e socioeconômicas ali presentes, que possibilitaria a criação de bases de dados, a fim de elaborar estratégias que orientassem de forma mais adequada o planejamento de futuros projetos de desenvolvimento territorial sustentável e que venha envolver diretamente as demandas da comunidade rural no Vale do Jati, e ainda possibilite a sua integração e envolvimento.

O que está apresentado no presente trabalho são questões e reflexões resultadas de uma pesquisa de conclusão de curso em Ciências Biológicas. Ao longo do seu fazer, da busca pela compreensão da dinâmica socioambiental, assim como do seu cenário histórico-cultural, teceu-se com as memórias, com os saberes populares, com a cultura das pessoas que vivem na comunidade, o levantamento das dificuldades e problemáticas do local, bem como suas percepções acerca do ambiente, levando em consideração os sentidos atribuídos pelos antigos moradores a este ambiente, narradas pelos próprios sujeitos, registradas e colhidas através da metodologia da História Oral, sendo este o processo de registro das experiências que se realizou visando a formular um entendimento da atual situação destacada na vivência social, “cuja concepção e técnica busca reproduzir honesta e corretamente a

¹ Relações culturais socialmente estruturadas ao longo do tempo pelos sujeitos locais.

entrevista em um texto escrito; mantendo as características originais do falado”. (MEIHY & HOLANDA, 2007, p.35)

Teve, o TCC, a intenção ainda de aprofundar e refletir os estudos sobre o ambiente, acerca do histórico sociocultural das relações com este, e para isso, recorreu a noção e pessoas do lugar, os *sujeitos ecológicos* (CARVALHO, 2008), que são aqueles que vivem na bacia do Vale do Jati, e assim, entendem melhor como se estrutura essa dinâmica, levando em consideração os saberes populares e o conhecimento ecológico que representa o corpo cumulativo e transformativo de conhecimentos, práticas ou crenças sobre a relação entre os seres vivos (incluindo os humanos), entre si e com o ambiente, desenvolvido através de processos adaptativos e passados de geração a geração, através de transmissão cultural. (BERKES, 1999; DIEGUES; ARRUDA, 2001)

Cada geração é receptáculo de um conjunto de conhecimentos, tradições, instituições e cultura, acumulados das gerações anteriores. Todos esses fatores, sujeitos às pequenas modificações feitas pelas pessoas, constituem seu modo de viver: sua forma de tirar do meio o necessário para sua subsistência. Os estilos de vida variam de acordo com o lugar e momento histórico. (HAUER, 2010, p32)

Considerando o histórico no caso do tema socioambiental, segundo Carvalho (2008), é possível identificar algumas trajetórias dos modos pelos quais os grupos sociais pensaram e manejaram suas relações com ambiente. Além da identificação das relações sociais, estratégias encontradas para lidar com os desafios e as problemáticas sociais advindas de fora da comunidade, a exemplo das consequências de um sistema capitalista de produção e consumo.

1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SEU ENCONTRO COM A ETNOECOLOGIA.

A exemplo dos trabalhos já citados, este trabalho propôs pensar sobre os modos como os sujeitos expressam, como vivem, sentem, aprendem e ensinam sobre um ambiente, inspirado pelos estudos em Educação Ambiental em seu encontro com a Etnoecologia. Para tanto, partimos da noção de Educação Ambiental (EA) que consiste que:

A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna voltada para o bem comum. [...] quando afirmamos e definimos a EA como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na EA é a análise das relações políticas econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. (REIGOTA, 2012, p.13)

Nesse sentido, a EA torna-se uma importante ferramenta para a articulação das comunidades rurais para compreensão de suas práticas ou adoção de novas, como de forma a buscar melhorias em suas condições de vida, bem como a conservação dos recursos naturais através do seu uso sustentável.

O professor Leandro Belinaso Guimarães (2003) aponta algumas dificuldades em se fazer uma Educação Ambiental eficiente e que acompanhe de forma paralela o avanço acelerado da degradação ambiental, como por exemplo, o imenso privilégio dado á prática entendida como uma intervenção “urgente” em lugares como florestas, matas, bosques, parques e reservas. Bem como a nossa lentidão, enquanto educadores ambientais frente a esses avanços acelerados. E talvez, também pelo fato indicado por Cavalli-Sforza (1997) onde os “mecanismos de transmissão cultural serem mais breves que os mecanismos naturais de transmissão genética e o avanço ágil do desenvolvimento tecnológico frente aos vagarosos e harmônicos processos naturais.”

Para podermos estudar uma comunidade e planejar as estratégias de levantamento de dados para projetos, faz-se necessário ter uma ideia elucidativa do que constitui seu ambiente e qual é sua composição. Contudo, há muitas definições e significados para seu conceito, portanto, elegemos que o que melhor se encaixa com nossas intenções de estudo, abrange não somente os aspectos naturais do ambiente, mas também os aspectos históricos, étnicos, culturais e políticos de uma determinada região: “Meio Ambiente se define como um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em

constante interação, os aspectos naturais e sociais” (REIGOTA, 2009, p.36)

Este autor destaca ainda que essas relações acarretam processos de criação culturais e tecnológicos, e processos históricos e políticos de transformações do ambiente e da sociedade, relações essas que são objetos diretos de estudo da Etnoecologia, e que pode ser entendida como um estudo da ecologia de um dado grupo étnico (HANAZAKI, 2006) com o enfoque em investigação dos sistemas de percepção, cognição e uso do ambiente natural, levando em consideração, também, os aspectos históricos e políticos que influenciam esses grupos. A Etnoecologia nos traz ferramentas para a compreensão das práticas culturais estruturadas no decorrer do tempo entre as famílias, e nos fornece pistas de como preservá-las, e valorizá-las.

Estimulada pela junção dessas duas áreas, o presente trabalho traz, além do histórico, alguns pensamentos, reflexões e perspectivas dos moradores que há anos levam uma vida simples e tranquila no Vale do Jati, como bem cita a passagem de Hanazaki e Freitas (2011), a seguir:

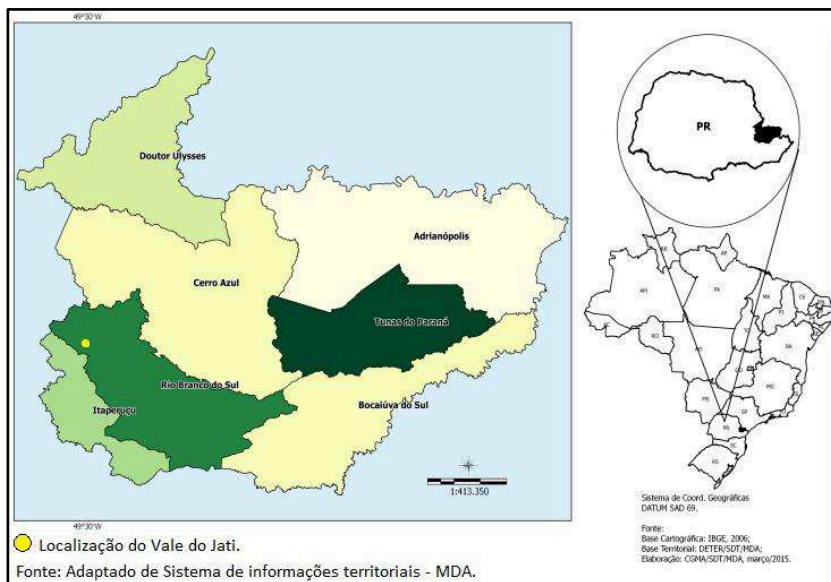


Os estudos etnoecológicos representam uma oportunidade de integrar o conhecimento construído por uma população local ao conhecimento acadêmico sobre fenômenos e processos naturais. Registros sobre o conhecimento ecológico local através de estudos etnoecológicos ou etnobiológicos também possuem um importante papel no resgate da valorização da cultura local [...] Juntamente com a educação ambiental, o objetivo da etnobiologia e da etnoecologia convergem num sentido de busca por novas formas de desenvolvimento pautadas pela valorização cultural. (HANAZAKI & FREITAS, 2011, p. 48)

1.3 UM PEDAÇO DO VALE DO RIBEIRA: UM OUTRO VALE, O DO JATI.

*O todo sem a parte não é o todo;
A parte sem o todo não é parte;*
(Gregório de Matos)

O vale do Jati está situado, em uma pequena área assentada em uma microbacia² hidrográfica, afluente do Rio Açungui. Distante de aproximadamente 4 km da comunidade do Açungui, na porção paranaense do Vale do Ribeira.



²Termo utilizado em trabalhos e pesquisas de planejamento territorial e de uso do solo. Microbacias são áreas formadas por canais hidrológicos de 1º e 2º ordem, em alguns casos de 3º ordem, devendo ser definida com base na dinâmica dos processos hidrológicos, geomorfológicos e biológicos. (CALIJURI & BUBEL, 2006 p.47) O conceito de microbacia pode relacionar aspectos biológicos, geográficos e sociais e deve abranger área suficientemente grande para que se possam identificar as inter-relações entre os diversos elementos do quadro socioambiental que a caracteriza, e pequena o suficiente para estar compatível com os recursos disponíveis. (BOTELHO, 2009 p. 273)

Parte desse território conhecido como Vale do Ribeira está localizada no primeiro planalto paranaense e abrange uma área de 6.093,30 Km², correspondendo a 3,1% do território do Estado do Paraná. É composto por 7 municípios, sendo eles: Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná. A população total do território é de 100.821 habitantes, dos quais 43.131 vivem na área rural, o que corresponde a 42,75% do total (IBGE, 2010). Possui, em sua extensão, 5.596 agricultores familiares, além de algumas famílias assentadas e comunidades quilombolas (MDA, 2017). Representa uma região peculiar por ser uma das áreas menos urbanizadas do estado, com grande parcela da população vivendo em áreas rurais e desenvolvendo atividades agrícolas de agricultura familiar e extrativistas.

Conforme um estudo realizado pelo Núcleo de Estudos de Populações (HOGAN et al., 2013), o Vale do Ribeira apresenta características bastante singulares, apresentando os mais baixos índices de desenvolvimento do Estado do Paraná, tendo sua economia baseada principalmente na agricultura tradicional familiar, mineração e extrativismo vegetal (palmito, xaxim e plantas com interesses medicinais).

Em outro estudo, realizado por Angelis (2011), demonstrou-se que as práticas agrícolas na região são bastante diversificadas, porém seguem culturalmente um modo de trabalho rústico e tradicional. Isto se deve principalmente às formas de transmissão de conhecimento empírico entre as gerações, e às condições físicas naturais do relevo que possivelmente limita o avanço de tecnologias agrícolas na região.

No entanto, o Vale do Ribeira ainda é uma região pouco estudada, pois ainda há pouco material sobre as comunidades rurais presentes, sendo notável a demanda de informações sobre as culturas e os saberes populares, bem como estudos na área de Educação Ambiental neste local.

Sendo uma região com características tão peculiares, com uma grande importância sociocultural e ecológica para o estado do Paraná, há a necessidade de se tomar medidas e ações socioambientais que visem a valorização dos saberes populares e da cultura da comunidade, de forma a preservar estes saberes e conservar os recursos naturais e a biodiversidade local.

1.4 MOTIVAÇÕES E DESÍGNIOS DA ESTRADA.

Diante de qualquer problemática ambiental que vivemos, apostamos na necessidade de se praticar a educação ambiental que leve em consideração as reais demandas de cada sociedade, de forma a dar autonomia para comunidade assumir a sua identidade e empoderar-se em busca de melhores condições de vida para seus povos, assegurando o direito à igualdade e justiça perante aos órgãos públicos, atentos a obrigação de que se garanta melhorias das políticas públicas em busca de um desenvolvimento sustentável em todos os níveis de organização (local e/ou comunitário, municipal, estadual e federal).

A etnoecologia como ferramenta de estudos da comunidade, possibilitou-nos uma melhor compreensão da dinâmica entre o meio ambiente e a cultura local. Hanazaki e Freitas (2011) discorrem sobre a importância de se levar em conta que existem diferentes maneiras de o ser humano perceber a realidade e lidar com os diversos ambientes em que se encontra. Segundo eles, a cultura é um elemento chave no entendimento de relações entre as diversas sociedades e os diversos ambientes. Com essa perspectiva, este trabalho trouxe, como já anunciado, essa proposta de integrar a Educação ambiental a Etnoecologia, com reflexões em como aproveitar a educação ambiental de forma a atender realmente as demandas do vale do Jati, diante da percepção que surge dos seus próprios moradores. E de que forma seria possível trabalhar questões ambientais com objetivos e resultados que beneficiem diretamente esses moradores, visando às boas relações entre os sujeitos e a conservação de seu ambiente.

Para tanto, há especificidades, e por isso levamos em consideração ainda aquilo que Guarim Santos e Guarim Neto (2010) apontam acerca de cada grupo social ter como base espacial e territorial os seus diferentes ambientes, porém, suas práticas serem diferenciadas na conservação da biodiversidade, se aproximando ou afastando das formas de utilização sustentável em base econômica e sociais dos recursos naturais do qual dispõem, além dos usuais aspectos biológicos, os aspectos sociais e culturais. “O conhecimento das culturas locais fornece fortes elementos para a conservação dos recursos naturais, racionalizando o seu aproveitamento através de estratégias conservacionistas.”(GUARIM SANTOS & GUARIM NETO, 2010)

Nesse contexto, foi importante o entendimento de que é necessário dar escuta a população rural em busca dessas percepções, conhecimentos e saberes empíricos. Bem como a observação da sua

prática para entender também a sua influência na paisagem do ambiente e suas transformações.

Alerta-se que esta pesquisa é o primeiro trabalho de caráter acadêmico realizado no Vale do Jati, trazendo a tona a insipiência das reflexões sobre os contextos locais, mas a possibilidade de uma série de questões, reflexões e abertura de estudos mais aprofundados no tema socioambiental para a região.

Baseado nas problemáticas levantadas pelas investigações iniciais nas dimensões: demográficas, econômicas, socioambiental que podem influenciar diretamente a vida no campo/meio rural em seu modo de vida e de geração de fonte e renda, faz-se necessário ouvir a esses sujeitos, saber o que pensam, como vivem, o que sentem e como veem o seu ambiente. Essa escolha nos fornece elementos da cultura local, além de indicativos sobre a qualidade de vida dos moradores rurais e sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, nos seus modos de viver e nas relações socioambientais estabelecidas.

Nesse sentido esta pesquisa também se justificou pelo resgate e conservação do saber e da cultura popular dos moradores, levando em consideração o saber como “um conjunto de crenças, conhecimento e práticas que interferem diretamente na dinâmica da comunidade e do ambiente em que a mesma se insere”. (BERKES, 1999; DIEGUES et al. 2001)

Os trabalhos de Angelis (2011) e de Hogan e colaboradores (2013), anteriormente mencionados, demonstram também que a região do Vale do Ribeira apresenta uma vulnerabilidade socioeconômica, e um alto índice do êxodo rural. Nota-se que hoje em dia poucas pessoas resistem no local, frente ao avanço da industrialização, extração mineral e madeireira, que vem aos poucos ocupando a paisagem da região e interferindo diretamente na forma de trabalho dessa população. Além dos muitos impactos ambientais, esse avanço tem por consequência, também, muitos impactos socioeconômicos que afetam a qualidade de vida das comunidades rurais. Essa migração rural-urbano resulta em uma grande perda da cultura local que aos poucos dilue-se nas culturas trazidas do meio urbano, encharcada de informações e tecnologias de consumo, fazendo com que as comunidades rurais percam seus traços mais tradicionais, tendo assim, sua bagagem cultural resistente somente nas histórias orais dos mais velhos que ainda vivem e resistem diante desse avanço da urbanização sobre o campo.

Como mencionado anteriormente, buscava-se a consolidação de um percurso de atuação junto ao ambiente em que as demandas da comunidade pudessem ser escutadas, e assim, refletir conjuntamente

sobre como proceder a partir dali, como já citado pelos autores Hanazaki e Freitas (2011), acerca de um cenário de crise ambiental:

Um dos desafios mais prementes para os educadores ambientais é a incorporação dos valores culturais das populações tradicionais onde atua para posteriormente ser sujeito das mudanças de atitudes necessárias diante da atual crise ambiental (HANAZAKI; FREITAS, 2011 p.51)

Pensando que a articulação deve partir do entendimento do meio ambiente local, dos problemas relacionados a ele, e que são de interesse da comunidade local, a vivência pensada para esta pesquisa possibilitaria uma aproximação inicial com os sujeitos ecológicos em seu ambiente bem como o levantamento de suas percepções dos lugares que vivem, idealizando uma dinâmica de desenvolvimento territorial nos modelos participativos, considerando o ambiente como o conjunto das inter-relações que se estabelecem entre mundo natural e o mundo social, mediado por saberes populares, além dos saberes científicos.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo mais amplo: buscar a compreensão das relações e percepções ambientais dos sujeitos ecológicos no Vale do Jati, em suas dimensões históricas, biológicas, sociais e subjetivas, a partir das narrativas ambientais que eles contam.

Para organização e efetivação da pesquisa, foi necessário pautar pequenas ações com a finalidade de delinear o ambiente e seus elementos, aqui já anunciados, identificar e conhecer quais são os sujeitos ecológicos a terem seus saberes escutados e os seus modos de relações com o ambiente conhecido, além de como articular o encontrado a uma dimensão coletiva para a região. Estes elementos serão trazidos nas próximas seções.



2. METODOLOGIA

2.1 “UM JEITO DE VIVER NO VALE DO JATI”: OS MEIOS DE SE FAZER PARTE DO AMBIENTE.

Desde que iniciei minha caminhada pelos estudos na área ambiental, o Vale do Jati sempre foi uma região de meu interesse, de tal forma que procurei então um meio de integrar esse conhecimento empírico adquirido durante minha história com o lugar, junto com o conhecimento adquirido com os estudos acadêmicos e científicos.

Quando comecei a graduação, tive algumas dificuldades em compreender que áreas seguir para que minha formação profissional se voltasse para essa proposta. Apenas imaginava que de alguma forma poderia implementar minhas ideias no vale. No decorrer da graduação em Ciências Biológicas, tive a oportunidade de participar de inúmeros encontros, palestras, minicursos e oficinas, e demais eventos que traziam a temática do meio ambiente, novas culturas sustentáveis e formas de viver em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

E assim, aos poucos, fui compreendendo através das problemáticas da população que vive no meio rural que a adoção de uma postura política frente aos conflitos socioambientais, bem como a integração de diversas áreas de estudo, seria fundamental para atender as reais demandas dos moradores destas localidades.

Sentindo-me contemplado pelas ferramentas apresentadas pelos estudos em gestão e educação ambiental, várias ideias de projetos (de vida) surgiram até mim. Sempre acompanhadas das mesmas perguntas: Por onde começar? Como começar? O que fazer? Quais as formas de exercer minha profissão de biólogo e professor? Isso para que pudesse trazer melhorias nas condições ambientais e sociais do local e na qualidade de vida das pessoas que nele vivem. Foi com essas perguntas em mente que dei início a realização desse trabalho.

Quando passava alguns dias de férias no Jati, buscava a partir da minha percepção, algumas das problemáticas que achava pertinente para trabalhar, como por exemplo: os conflitos fundiários, o êxodo rural, o estado de conservação dos recursos naturais; pois considerava que o atual estado dessas áreas apresentavam-se bastante degradadas em função das práticas de trabalho mais atuais dos sujeitos da comunidade.

Então, como passos metodológicos para a pesquisa, para os objetivos específicos defini três etapas para adentrar no mundo vivenciado pelos moradores no Vale do Jati e por em movimento as inquietações e a questão deste TCC: [1] reconhecimento local das

características biológicas e geográficas; [2] reconhecimento e observação da rotina da comunidade, ou seja, o dia a dia de seus moradores, quem são, como são, quantos são e o que fazem; [3] contato direto com os alguns moradores, estabelecendo um diálogo em contexto informal que possibilitaria buscar a compreensão do histórico cultural das relações com o meio e com os outros moradores locais, e assim, [4] agendar e efetivar o que aqui escolhemos chamar de colheita³ de narrativas, que foram todas gravadas em áudio. [5] reescuta atenta e reflexiva das narrativas para estudo e compreensão dessas relações junto ao ambiente, baseando-se nos delineamentos teórico-metodológicos da História-Oral propostos por Meihy e Holanda (2007). E como última etapa, [6] o encontro de integração entre os entrevistados e demais sujeitos da comunidade, para dar o retorno dos resultados preliminares da pesquisa e possibilitar um ambiente de conversa entre todos os envolvidos.

O trabalho como um todo foi realizado entre os anos de 2016 e 2018 entre as primeiras visitas de pesquisa e o encontro de integração. Gostaria de citar aqui uma reflexão que nos traz a professora Isabel de Carvalho (2008, p.157) quando diz sobre as redes de relacionamentos: “é nessa teia de relações sociais, culturais e naturais que as sociedades produzem suas formas próprias de viver”.

Para adentrar nessa teia e tecer algumas inferências sobre o lugar, o ambiente e os elementos socioculturais, ao primeiro nível de aproximação na comunidade, foi realizada uma visita de reconhecimento e delimitação da abrangência da pesquisa dentro da localidade que é conhecida pelos seus moradores como Jati. Nesta campanha pude perceber surtir os primeiros efeitos da ampliação dos meus estudos acadêmicos dentro de um contexto de avaliação do ambiente, e de repente, não era mais somente as condições ambientais do lugar o foco da minha atenção, mas também o histórico homem/ambiente que gerava como resultado, o estado atual das condições ambientais do local. Já me encontrava em um mundo totalmente diferente daquele em que havia notado desde a última vez que lá estive.

Percebi de começo que seus moradores possuem um rico acervo de conhecimentos adquiridos com o tempo, perante as suas práticas e observações na natureza, e que eu tinha muito mais a aprender do que a

³ No sentido de colher aquilo que foi cultivado. No caso da pesquisa, utilizo o termo em referência aos afetos que cultivei antes de realizar a colheita dessas narrativas.

ensinar ou intervir. Na ocasião, pedi para Tio Raul, morador do Jati e irmão mais velho de meu pai, conhecedor das terras do vale, que me auxiliasse a encontrar as nascentes de água que ocorrem no vale com a intenção de demarcar os pontos de GPS para mapear a bacia.

Prontamente ele aceitou o convite e após um reforçado café da manhã, saímos em busca das nascentes vale acima, juntamente com meu pai e meu irmão mais novo, além de dois amigos e colegas, biólogos, que convidei para conhecer o vale.

Enquanto caminhávamos pelas ruas e carreiros, já tomados pelos matos, Seu Raul nos contava sobre suas dificuldades da vida na roça e relembrava sobre as histórias de quando eram crianças, de como eles brincavam por ali, por onde andavam com seus irmãos e irmãs.

Cada propriedade rural que a gente atravessava, eles, Tio Raul e meu pai, falavam sobre os moradores daquele lugar e suas relações de convívio com os mesmos. E era fácil notar os sentimentos nostálgicos que traziam à tona nessas conversas. Enquanto eu ouvia atentamente, chamava-me a atenção os pontos de convergência entre suas falas, considerando que a diferença de idade entre os dois representaria os diferentes períodos de vivência no lugar. Os aspectos que cada um colocava quando estávamos diante de cada paisagem, denotava que havia muitas alterações na paisagem do lugar.



Tio Raul nos levou aos lugares exatos onde se encontravam as três principais nascentes que se ligam e cortam o Jati, vale abaixo. Em cada uma delas, ele nos contou que os moradores locais procuram manter preservada a vegetação em torno das mesmas e percebi que além de um bom conhecedor do lugar, Tio Raul é um importante agente da educação ambiental no vale.

Dentre as questões que me surgiram novamente, uma delas me deixou mais reflexivo: diante de todas as narrativas que estava começando a escutar e as transmissões de saberes acerca do ambiente, qual seria o cenário ambiental na visão das pessoas que ali moravam? Como posso eu, achar um fio ou vários para começar a tecer a minha história diante dessa comunidade? Então, assim como no filme *Narradores de Javé*⁴, passei a registrar as histórias das pessoas que ali viviam, para tentar montar esse cenário de narrativas múltiplas e assim puxar as linhas para tecer e compor a minhas percepções.

Com essa ideia na cabeça, após mapear e delimitar toda área do vale, a partir das nascentes evidenciadas pelo Tio Raul, busquei através do *Google Earth* elaborar um mapa de localização das residências

⁴ Filme *Narradores de Javé*, de direção de Eliane Caffé, Brasil e França, 2003.

(Apêndice 1) o que possibilitou identificar todas as casas presentes dentro da área abrangida, e assim planejar o próximo passo que seria o contato direto com os demais sujeitos ecológicos.

Com a análise do mapa feito, pôde-se notar uma concentração maior de residências na parte baixa do vale, onde ocorre a foz no Rio Açungui, principal afluente da região. Na porção baixa, são em torno de 25 casas, das quais desconheço a situação atual – porém, de conhecimento importante mediante a possibilidade futura de ampliação a abrangência dos meus projetos de desenvolvimento local sustentável – enquanto que no alto vale existem 22 residências, das quais 8 estão em situação de êxodo dos seus proprietários, e nas outras 14, ainda habitadas, onde vivem os moradores resilientes, que embora enfrentem todas as dificuldades de se viver no meio rural, não abriam mão do seu lugar. Entre eles, elegi alguns guardiões de histórias sobre o Jati, sendo que são os mais antigos moradores do lugar, com idades entre 67 e 85 anos. Todos nasceram e viveram por toda sua vida neste território.

Para o trabalho, optei por conversar com dois casais de senhores que moram no alto vale, Seu Elias (82 anos) e sua companheira, Dona Jesuisa (80 anos), e Seu José de Afonso (72 anos) com a Dona Noêmia (67 anos), além de dois irmãos que moram próximos um ao outro na porção mediana do vale, Seu Bonifácio (84 anos) e Dona Laíde (86 anos). Estes 6 sujeitos, além do já citado Tio Raul, serão apresentados na próxima seção.

2.2 O ELENCO DESSA HISTÓRIA AMBIENTAL.

Tio Raul



Seu Raul é o morador com quem tenho parentesco mais próximo, sendo irmão do meu pai. Nascido no Vale do Jati foi um dos moradores que saiu para cidade diante da vida difícil que a roça lhe apresentava, porém, depois de anos em busca de uma vida melhor na cidade, resolveu voltar a viver no Jati. Foi ele que nos ajudou a encontrar as nascentes que trazem vida para o vale na forma de água. Sua companhia e saberes foram bastante importantes para realizar as investigações sobre os aspectos ambientais

e geográficos do lugar. Ao nos guiar e apresentar as fontes de água e os vários locais representativos dentro do vale, Tio Raul discorreu sobre a importância de planejamento no trabalho com os recursos que a natureza nos oferece: *“Se não tivermos cuidado, pode acabar tudo isso daí, tudo isso aqui pode acabar se nós fizer as coisas sem pensar no futuro”*.

Como uma importante figura na dinâmica ecológica e social no Vale do Jati, tem em suas narrativas a representação dos povos rurais, e traz as demandas e dificuldades enfrentadas frente a um avanço do agronegócio sobre a população do meio rural.

Seu José Bonifácio

“Aqui, como diz o ditado...”.



Seu Bonifácio tem 84 anos de idade, e mora acompanhado de seus seis cachorros, alguns gatos e um par de criações de galinhas, porcos e bois. Seus filhos e netos se mudaram para a cidade e faz pelo menos 10 anos que ele vive por conta própria no sossego isolado do Jati. Durante a nossa conversa, pude perceber que o saber que se acumulou com esse senhor provém basicamente de ditados populares ditos por pessoas que compõem suas relações sociais. Comprometido com as práticas religiosas de sua igreja que fica a alguns quilômetros do Jati, ele tem bastante contato com outras pessoas que vivem na região, além de ter visitas frequentes de amigos e familiares que ali vem passar alguns dias, geralmente nos finais de semana.

O seu Bonifácio é irmão do meu falecido avô, com quem compartilhou parte de sua vida no vale. Suas histórias me trouxeram um sentimento nostálgico intenso das memórias ressaltadas, numa manhã fria do inverno paranaense. Na ocasião, meu irmão me acompanhava na pesquisa e foi convidado para entrar para escutar suas histórias e tomar um mate quente: “Toma mate, Polaco? Entre aqui.” dizia Seu Bonifácio

para meu irmão, cujo apelido é Polaco. Suas histórias, em muitos momentos, encontravam-se com histórias que eu já havia ouvido falar até então pelos meus pais, tios e entre as poucas lembranças que tenho dos meus falecidos avós.

Dona Laíde



“Quando eu era criança, eu fui ajudando, né? eu cuidava da criação, fazia farinha [...] naquele tempo não se comprava farinha, só fazia com o monjolo⁵, monjolo d’água.”

Dona Laíde, é irmã de Seu Bonifácio com quem faz vizinhança de terreno. Foi a primeira pessoa com quem conversei na etapa de colheita das narrativas. Ela tem 84 anos de idade, documentado pela sua identidade, mas questiona a real data de registro afirmando ser um ou dois anos após seu nascimento.

Atualmente, mora com um dos seus filhos e recebe visitas dos outros filhos e netos que atualmente moram na cidade. Em todos os seus relatos ela expõe as mudanças que percebeu no lugar e o que isso influenciou em seu modo de vida. Além disso, pode contar algumas histórias marcantes que viveu no lugar, e nos guiar por uma infinidade de questões iniciais que emergem dessa necessidade de se valorizar a população rural, sujeitos que acabam nas margens das decisões políticas do desenvolvimento ambiental ou social da comunidade: *“Não podem vender porque tem lá fora bastante, dae o daqui não tem saída, né?, não é valorizado, fica mais parado aqui, né?, só alguns que compra, não é tudo.”*

Morando entre as lombas do vale, ela testemunhou as mudanças na paisagem, a chegada da urbanização e enquanto trabalhava na roça

⁵ Máquina hidráulica rústica, destinada ao beneficiamento e moagem de grãos.

para ajudar no sustento da família, percebeu muitos fatores que influenciaram no abandono do lugar pelas gerações mais jovens, Ademais, ela aponta tanto uma perspectiva positiva sobre a urbanização e alguns dos benefícios que chegaram até sua casa, como também contrapõe com alguns fatores que prejudicaram as relações socioambientais que de alguma forma alteraram os modos de vida dos povos rurais da sua região.

Dona Jesuísa e Seu José Elias

“É, vocês não sabe do jeito que nós era novo, quando nós tinha dez ano, quinze ano, do jeito que a gente vive...” (Dona Jesuisa)

“A gente vivia carpindo e roçando direto, toda vida, só na base da enxada.” (Seu Elias)



Seu José Elias Ribeiro (82 anos) e Dona Jesuisa Sirina (80 anos), moram no alto do Vale do Jati, próximo a estrada principal que liga a comunidade do Açungui às pequenas localidades da região. Pelas

proximidades de sua casa, moram 3 de seus 5 filhos. Entre suas narrativas, os principais pontos destacados são as mudanças de trabalho que aconteceram na região, em função da instalação de empresas madeireiras e de extração mineral. Conforme seus relatos, é Dona Jesuísia quem toma a frente com os trabalhos na roça, acompanhada pelo seu companheiro Elias, porém, hoje aposentados, ambos se ocupam de pequenos afazeres rotineiros de casa.

Seu Elias possui ainda uma pequena criação de bois, demandando de um deslocamento para buscar os bichos pelas lombas do Vale. Como possui mobilidade limitada em função de dores no joelho, ele utiliza seu Fusca de cor branca para fazer tal trabalho, dizendo que trocou seu cavalo pela praticidade do veículo.

Dona Noêmia e Seu José de Afonso

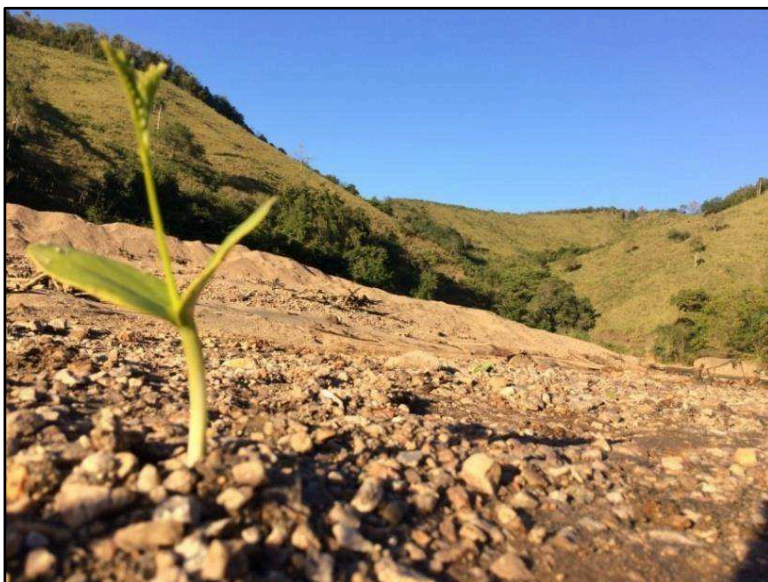


Dona Noêmia Miranda Ribeiro tem 67 anos de idade e Seu José de Afonso, 72, eles vivem no alto Jati, na cabeceira das nascentes hídricas do vale. Desde crianças interagem com o ambiente de forma a conseguir os recursos necessários para viver no lugar. Assim conhecem muito da fauna e da flora local, além das utilidades que variadas espécies podem ter para as pessoas.

O casal possui 5 filhos que moram na cidade e os visitam com frequência, juntamente com seus netos.

Em suas histórias, apontam sua propriedade como uma divisa que foi cantada⁶ em função das lombas que separam o Vale do Jati da comunidade do Taquaral, onde por consequência do relevo, cai outras nascentes. Desde que eram crianças, eles usaram como demarcação, tanto para os terrenos vizinhos como para a divisa da comunidade. Outros elementos socioambientais que surgem em suas narrativas são as consequências dos desmatamentos para a fauna local e a influência da urbanização nas suas práticas de trabalho, tendo por efeito a diminuição na produção e a desvalorização dos produtos da agricultura familiar.

2.3 “O SENHOR DEVE DE SABER QUE UMA TERRA VALE PELO QUE PRODUZ, MAS ELA PODE VALER MAIS AINDA PELO QUE ESCONDE!”⁷



⁶ Cantada, como instrumento de marcação territorial informal, onde o alcance e limites de um terreno se faz pelo alcance da voz emitida, no espaço da paisagem.

⁷ Fala do personagem *Outro*, do filme *Narradores de Javé*.

Com as escolhas em mente, pude pensar melhor em como seria minha aproximação com essas senhoras e esses senhores, para poder realizar os próximos passos, que seriam de (con)vivência junto a comunidade e colheita das narrativas. Para essa etapa foi pensado um roteiro de perguntas (Apêndice 2), as quais serviram de orientação nas conversas que tive com esses senhores. Cabe ressaltar que as conversas foram gravadas através de áudio para posterior reescuta e análise das narrativas. O registro fotográfico do cotidiano da comunidade bem como do seu ambiente local também foi realizado.

Cabe aqui esclarecer que foram seguidos criteriosamente às condições propostas pelo código de ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia, presente em todas as decisões que foram tomadas, levando em consideração seus princípios e recomendações práticas que em muito serviu como ferramenta diretriz no decorrer da vivência. As diretrizes que indicam o exclusivo uso acadêmico das entrevistas, imagens e divulgação dos sujeitos participantes da pesquisa, foram esclarecidas previamente e autorizadas por todos (as) os participantes, os quais deram seu parecer de aceitação registrada em áudio, já que em sua totalidade, os sujeitos pesquisados não são alfabetizados, evitando assim possíveis constrangimentos frente a um pedido de assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido.

Nesta perspectiva, destaco os trabalhos de Codes e Barzano (2015) que me trouxeram a importância de ambas as metodologias de coleta de dados para essa investigação inicial. Quanto a assumir a História Oral como fonte teórico-metodológica, os autores destacam que a memória transcrita pela oralidade possibilita extravasar os limites temporais de uma entrevista convencional. Segundo os autores, com essa metodologia, é possível recuperar e ressignificar saberes que estão encarnados, visceralmente entranhados em suas memórias, pois fazem parte de suas histórias de vida.

Os ensinamentos dos pescadores (sujeitos ecológicos) possibilitam-nos pensar sobre meio ambiente, educação ambiental, ensino de biologia (desde a educação básica ao ensino superior) diferente daquilo que está registrado nos livros. Somente com suas lembranças é que conseguimos ter acesso sobre os fatos que transformaram a paisagem ambiental. (CODES & BARZANO, 2013. p.117)

Neste sentido ainda, o aprofundamento dos estudos etnoecológicos e evidenciado nas narrativas relatadas pelos moradores,

propiciou uma análise mais qualificada, que junto às imagens fotografadas, moldaram e teceram os aspectos culturais e ambientais trazidos ao trabalho. Cada escuta, não apenas colhida em narrativa, tinha também como objetivo reforçar o empoderamento destes mesmos sujeitos, a partir do que diziam. Adotou-se a escuta como movimento de reconhecimento e auto-reconhecimento de suas próprias vozes, conhecido ainda como “dar vozes”, há muito silenciadas pelas narrativas ambientais hegemônicas.

[...] trabalhos com imagens fotográficas e narrativas de velhos sobre paisagens ambientais, trazem a percepção que tais artefatos culturais imbricados com os enunciados criam significados e, mais que isto, dá voz aos “sábios-marginais”, e os convoca para ter voz e ao conseguir isto, estes sujeitos serão protagonistas para ensinar Educação Ambiental. (CODES E BARZANO, 2015, p.77)

Para os autores, as fotografias produzidas em um trabalho científico possibilitam-nos pensar e enxergar uma outra cidade, um outro território ou ambiente, tra(du)zido por essas fotografias. Nesse sentido, o uso das fotografias foi escolhido com a intenção não apenas de registrar o ambiente e seus elementos culturais, mas buscar ampliar a compreensão das relações socioambientais dessas (es) senhoras (es), diante dos significados por eles (as) mesmas (os) atribuídos ao seu ambiente, e de como essas relações podem agir no desenho da paisagem dentro do Vale do Jati.

Com essas práticas, pude me deslocar novamente para o vale, tanto no sentido físico de vivenciar o dia a dia dos moradores, como no seu sentido subjetivo, de me deslocar para outros olhares, outras percepções, onde poderia deixar de lado conceitos já estruturados academicamente, e assumir novamente a postura de busca aprender, no qual quem praticaria o ato de ensinar, seriam os sujeitos portadores da experiência junto ao ambiente.

Chegando enfim para a colheita das narrativas, como parte do ambiente me fiz, e me coloquei não como pesquisador, mas sim como um jovem com anseio de conhecer mais profundamente os moradores que habitam o Vale do Jati. Vale salientar que minha concepção o entendimento do ambiente e suas condições já estavam muito consolidadas previamente – mal sabia que nada sabia! Mas sabia que precisava aproximar minha visão da percepção dos que ali viviam. E

para isso, iniciei minha caminhada por entre as propriedades do vale em busca de aprender a escutar.

Como eu já tinha em mente aqueles em que eu queria conversar, bastou um passeio pelas proximidades das suas casas para proporcionar o encontro, vindo sem dificuldade. Considerando todo o histórico de vida que tenho ligado ao lugar, bastava ser avistado de longe que eles davam logo um cumprimento acolhedor, acompanhado das perguntas que sempre ouvia quando estou presente: “Veio quando pra cá? Vai ficar até quando?”, e sempre acompanhado do tradicional convite: “Passa lá em casa tomar um chimarrão, um mate”, e dessa forma fui convidado a entrar nesse mundo de percepções dessas senhoras e senhores.

Ao aceitar cada convite, para cada um deles perguntei sobre as suas disponibilidades, para tentar não interferir no seu cotidiano e trabalho. Deixava combinado uma manhã/tarde específica para o encontro e conversa mais demorada acontecer. Estarei descrevendo um pouco do encontro que tive com cada um, especificamente, na seção seguinte, porém, quero esclarecer um pouco sobre os procedimentos realizados para a colheita delas.

Sempre ao chegar em cada casa, fui muito bem recebido e convidado a entrar e a me sentar, e não demorava muito para as perguntas aparecerem, sobre mim e minha vida fora dali, “na cidade grande”. Respondi abertamente todas elas, e usava sempre essas respostas para puxar o fio que me daria a sequência da pesquisa.

Ao responder essas perguntas, explicava que estava estudando biologia e que essa formação me levaria a profissão de professor, dizia que gostava de ensinar as coisas sobre a natureza e que futuramente gostaria de viver no meio rural.

Ao perceber os seus entendimentos sobre a minha formação, direcionei a conversa para a pesquisa, dizendo que para poder concluir o curso eu teria que fazer um trabalho, uma pesquisa sobre o ambiente e sobre as coisas que existem nele. Nesse sentido falava que nós (seres humanos) também fazemos parte dele e que assim eu pretendia investigar como a gente “vive” em nosso ambiente, e que histórias da natureza existem ali, no Jati. Perguntas provocativas: “Você gosta da natureza? Gosta das florestas? Gosta dos bichos? Teria alguma história para me contar sobre isso?”, cujas respostas foram sempre afirmativas. Com isso perguntava ainda se poderiam me ajudar a realizar esse trabalho, contando uma história para que eu gravasse.

Recebi de cada um deles o seu aceite, e assim eu fazia referencia aos usos restritos desse material, pedia-lhes permissão para ligar o

gravador⁸ e retomávamos a conversa. A conversa ia fluindo. Roteiro de perguntas quase sempre fechado, cuia de chimarrão na mão e a cada pergunta que disparava, uma série de lembranças, experiências e mundos de subjetividades e em transformação aconteciam.

⁸ Os áudios foram transcritos mantendo-se a originalidade da fala, incluindo as gírias e termos regionais utilizados. Os arquivos originais das gravações compõem um banco de dados da pesquisa e estão armazenados num repositório online, de acesso conjunto ao orientador do trabalho.

3. AS HISTÓRIAS E SUAS REFLEXÕES.

3.1 “AS LOMBAS CANTADAS NO VALE DO JATI”: OS LIMITES CULTURAIS DO AMBIENTE.

É aqui... é aqui desse meio da lomba pra cá, da lomba que vem do Açungui, daí já é Jati(...)daí lá naquelas lombas já tem nome de “Taquará” pra lá daí... tem “Taquará”, Ribeirão dos Costa(...)é emendado né.

(...)o Jati é emendado com o Ribeirão e o Taquará. E aqui da lomba pra baixo é emendado com o Açungui. (Dona Laide, 86 anos)



Quando se está em um lugar juntamente com os seus moradores, logo se percebe que embora haja limites físicos no que identificam como seu território, os sujeitos ecológicos estabelecem relações socioambientais que vão muito além das suas propriedades, em alguns casos, até de outros municípios.

*Conhece a casa da Dona Joaquina?
De lá até aqui é Taquaral, daí virou da lombra
pra trás já é Ribeiro dos Costa (...) daí o
Taquaral termina aqui, daqui pra baixo já é o
Jati. (Seu José de Afonso, 72 anos)*

É fácil observar na narrativa de cada um, a percepção dos seus limites territoriais e o sentimento de pertencimento de um ambiente que vai além desses limites físicos. Imbricados nessa noção, vários elementos são evidenciados em suas falas, como por exemplo, um rio que atravessa o lugar, uma árvore que demarca o terreno vizinho ou uma cerca que os separa, mas em muitos casos, são as lombas, as maiores características do relevo local, é que são evidenciadas em suas falas relativas a paisagem no Vale do Jati. Portanto, são consideradas no planejamento do ofício do trabalho, da divisão e da demarcação de propriedades, mas num sentido de percepção desses sujeitos, e são ao mesmo tempo primeiro plano na sua paisagem e pano de fundo para seu cotidiano. Como a paisagem e a percepção vai se alterando ao longo do tempo, principalmente com as suas práticas de trabalho, ela ganha os rastros das práticas e deixa pistas nas memórias, evidenciadas pelas histórias contadas. Esses relevos ondulados que se moldam a partir dessas relações, configuram-se também como um cenário para essas relações e oferecem a esses sujeitos a condição de se colocarem como parte, de fato, deste lugar.

*Aqui faz um tempinho já me varou um por ali,
bugio, me varou um macaco. Voando de uma
árvore na outra, foi embora pra lombra assim só
por cima. (Seu José de Afonso, 72 anos)*

Nesse contexto de se colocar no ambiente e se ver como parte dele, foi possível compreender que entre uma lombra e outra, era o modo como conheciam suas propriedades. Onde os olhos podem enxergar para poder cuidar das suas roças e criações que ali mantinham. Do “outro lado da lombra”, sem visão geralmente conhecida como parte de outra comunidade e/ou confrontante com propriedades vizinhas, não se podia observar e ter seu cuidado com a propriedade,.



Descendo a lomba, morro abaixo, outro elemento que ganha um destaque nas narrativas da relação homem-natureza são os leitos d'água que cortam e dividem o vale desde suas nascentes até a foz no principal rio da região, conhecido pelos nativos como o “Rio Grande” ou Rio Açungui.

3.2 “DO RIBEIRINHO AO RIBEIRÃO”: AS LINHAS TÊNUES DO VALE.

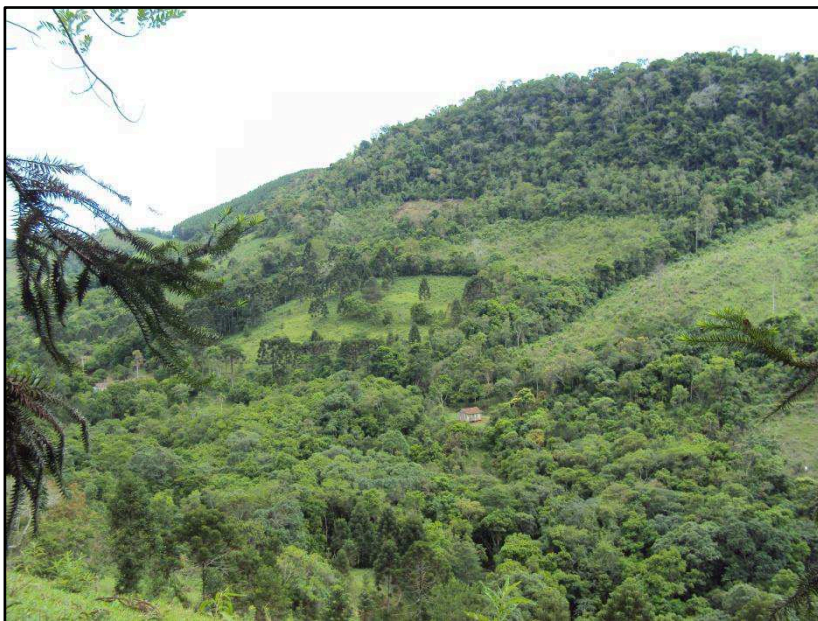
Nasce desses matão aí, né? e escorre aí caindo no rio ali embaixo, lá no rio grande ali, né? você conhece o rio do Açungui, né? Pois é aqui é uma nascente, aqui nesse canhadão aqui é uma nascente, é bem pertinho a nascente d'água ai, né? sobe pra cima ali uns quinhentos metros e tem uma nascente d'água ali, é a mesma que passa lá embaixo no Jati e cai no Açungui.(...) Água antigamente era só do ribeirão, só buscando do ribeirão... Agora que nós temos água encanada, mas de primeiro era só do ribeirão, pegava água de lá do ribeirão. (Seu Elias, 82 anos)



Ele se junta com outro ribeirão ali em baixo e passa na frente da casa do Zarvico. (Seu Bonifácio, 84 anos)

Os limites entalhados pela natureza na paisagem do Jati, delineiam as suas lombas e riachos do vale. Diante das falas, os cursos d'água e os morros visivelmente se misturam quando os sujeitos se posicionam como parte do ambiente e se reconhecem nessa relação homem e natureza, como se os seus limites já não mais tivessem importância, e as relações tendessem a ser mais ecológicas do que artificiais.

3.3 “ERA MATO TUDO, TUDO ESSAS LOMBAS AÍ ERA MATO, TUDO”: AS MUDANÇAS NA PAISAGEM.



Como um quadro ou um cenário que se transforma, as lombas do Vale do Jati se alteram com o tempo e com as práticas de relações que seus sujeitos ecológicos mantêm com o ambiente. Esses, por sua vez moldam e ao mesmo tempo, assistem a transformação como quem olha de fora e percebe as mudanças em sua paisagem como algo concreto e que realmente está acontecendo. Estes atribuem algumas percepções positivas e/ou negativas a estas mudanças, trazendo mais alguns significados relevantes à reflexão do nosso trabalho, como nas narrativas seguintes:

Primeiro era mato tudo, tudo essas lombas aí era mato, tudo (...) Agora é só capim... capim, eucaliptá... (Noêmia Ribeiro, 67 anos)

*O jati mudou bastante! Essas lomba aí era só samambaiazona, não tinha jeito de entrar (...)
 Não entrava nem cachorro não entrava, só samambaia. Hoje é plantação, é capim, cria gado, né? tem pranto⁹ de eucalipio, pino (...)
 De primeiro não tinha nada disso era só samambaia e não tinha nada disso, né? É isso que mudou!(Seu Elias, 82 anos)*



Antigamente esse ribeirão era maior, tinha mais água, né? Agora vai saber, de certo que as floresta desmataram um monte na cabeceira do rio e diminuiu a água, né? E essa lida de plantas de pinus chupa muito a água, ela deu diferença a água, sempre deu. Mas é, como diz o ditado: dava pra pensar, né? Que a

⁹S.m. Plantação, Plantio, cultivo.

desmatação que fez, né?(...) Porque cê vê pra cima do Zarvo era capoeirão ali, né? Hoje é gramado, então com o tempo de aumentar a água diminuiu. Daê vai lá pra cima que é a cabeceira da água é pino.(Seu Bonifácio, 84 anos)

Antigamente tinha.(...) Tinha muito mais bichos, hoje tem pouco. Antigamente tinha muito mais (...) Mas agora nem passarinho tem mais. De certo é por causa que não tem aonde os passarinhos comê a semente... Então eles se mandaram tudo. (Seu José de Afonso, 72 anos)

Nestas falas dos sujeitos é interessante pensar numa perspectiva ambiental dos pontos de vista desses moradores, buscando os elementos que legitimam essas mudanças observadas na paisagem. Quando Seu Elias justifica a mudança constatada, ele traz as diferenças que observou nos dois tempos do cenário (na lomba), apontando e comparando as características da vegetação, como na frase destacada pela Dona Noêmia de forma mais objetiva, afirmando a mudança baseada nas mesmas características. Enquanto na narrativa do Seu Bonifácio e de Seu José de Afonso, ambos apresentam também essa mudança como uma consequência, como por exemplo, o fato da água ter secado e os animais ficarem escassos, sob a justificativa de ter acabado o que era mato, dando lugar às plantações de “pinus”, “eucaliptá”, e criação de gado.

3.4 “É COMPLICADO, A LEI DO COMÉRCIO PREJUDICA O HOMEM”: AS RELAÇÕES DE TRABALHO E CONSUMO.

Agora tem serviço essa pinarada que prantam ai, eucalipio... se ficha lá na carteira trabalhando, não carece sair pra cidade. (Dona Jesuisa, 80 anos)

Outra perspectiva, ao analisar o histórico de desenvolvimento da região, é compreender as consequências reconhecidas e sentidas por esses sujeitos no decorrer do tempo, como por exemplo, a geração de emprego, que influenciou sobre as suas práticas de trabalho e suas relações socioambientais. Antigamente, os moradores possuíam como fonte de alimento, exclusivamente, a produção familiar e era muito frequente trocarem excedentes com seus vizinhos, ou trocarem suas horas de trabalho por produtos.

A introdução de uma prática de mercado mais acirrada e em moldes de produtos industrializados e de exploração de mão de obra rural acarretou que os valores e as práticas da agricultura tradicional passaram a se perder, em função de outra forma de relacionamento com o ambiente e com os elementos que dele fazem parte. Tudo isso, gera, a médio e longo prazo, uma transição da cultura popular rural, e que pode se apresentar tanto com consequências positivas quanto negativas diante da perspectiva desses sujeitos. A exemplo, temos a ampliação do consumo que surge com esse desenvolvimento urbano, com a construção de estradas e acesso a outras demandas e bens de consumo.

Naquele tempo não se comprava farinha, só fazia com o monjolo, monjolo d'água... (Dona Laide)

Eu plantava feijão, plantava fumo... Eu lidava. Como diz o ditado: “eu lidava com meu servicinho”, pagava camarada e trocava o meu serviço anssim, como diz o casero. Fazendo a administração minha mesmo, né? E então eu

vendia muita mercadoria dos mercado pro povo pobre que não tinha um caderno a troca de serviço, eu pagava um quarto de roçado, meio quarto de carpido com mercadorias, eram. Porque naquele tempo tinha gente bastante, mas não tinha emprego quase... Daê que abriu aqueles empregos, daê uma época fracassou aquilo. E eu fui-me empregá... mas no começo assim eram trocas, só... (Seu Bonifácio)

Antigamente gente plantava milho e dava bem, a gente plantava feijão dava bem, dava melancia, dava pepino (...) Agora que entrou essas sementes comprada, nada dá mais quase. Eu, faz tempo que não posso colher melancia mais, compro a semente selecionada que dizem, planta ai, arria tudo e não da nada (...) e de primeiro tudo dava bem! (José de Afonso)

A gente vivia plantando, fazendo roça de feijão, mio direto e bastante... [...] e vendia os feijão pra comprar outras coisas que a gente precisava comprar. Agora já quase já não tem mais... as pessoa tem mais despesa e não vende quase nada mais. (Dona Jesuisa)

Quem que tem roça ai? Agora acabô as roças, só pasto, só criam criação mesmo. As coisas que nós produzia foi tudo comprado, pois enfraqueceu a terra e já não foi dando mais, dai já foram mudando de profissão, fazendo pasto pra criar gado. (Dona Noêmia)

Veja bem, naquele tempo nós saía, tinha que caminhar só de a pé e a cavalo, não tinha estrada de jeito nenhum (...) até lá em Rio Branco eu já fui de a pé, porque não chegava estrada aqui, agora que tá chegando.(...) Agora acho que tá melhor pro povo porque tem estrada, né? Tem tudo que a pessoa precisa, tem. É só ir comprar, é só ganhar o dinheiro pra comprar, né? Acho que melhorou porque agora em Rio Branco tem tudo, tudo que procura, tem (...) Agora o pessoal quer comprar tudo pronto, né? Naqueles tempos eram tudo de sacas, feijão de saca, galinha e porco de cargueiro, né? E eles compravam, agora não (...) vem tudo no mercado pronto, né? (Dona Laide)

Agora o pessoal tão trabaiaando pouco na roça, porque não vendem. Não podem vender as coisas, porque tem lá fora bastante, dáê o daqui não tem saída, né? Não é valorizado, fica mais parado aqui, né? só alguns que compra, não é tudo. (Dona Noêmia)

Com as narrativas acima, é possível compreender um universo de mudanças sociais e culturais nas formas de viver dos sujeitos, que percebem as consequências no seu modo de vida e de trabalho. O acesso facilitado aos bens de consumo que modificam a organização social da comunidade, anteriormente baseada em trocas, na sua forma de obter alimentos que passam a ser trazidos da cidade, bem como o acesso ao trabalho regulamentado – tanto nos municípios próximos, quanto no próprio território rural (como no caso do trabalho nas plantações silviculturais) – são bastante complexos quando comparado às perdas dos modos de produção e trabalho mais tradicionais, e por efeito a

velocidade e impacto causado, podem ser considerados como mais harmoniosos junto ao ambiente.



No decorrer dos anos, essas populações rurais modificaram suas práticas de relações com o ambiente, baseando-se em suas próprias perspectivas e subjetividade, construída e adquirida através de sua observação e experiências com outras práticas, passadas de uma geração a outra. Com o passar do tempo, esses novos conceitos e modos de fazer foram se incorporando aos modos de vida dos sujeitos ecológicos e conduzindo essas transformações culturais e ambientais.

Com essas mudanças apresentadas nas narrativas, podemos fazer algumas inferências quanto aos elementos que influenciam os modos de vida em suas relações ambientais, como por exemplo: as melhorias que o desenvolvimento trouxe ao local, como as estradas que facilitam o intercâmbio campo-cidade, trazendo ao campo produtos prontos, industrializados e outras praticidades que os centros urbanos podem oferecer, mas que em contrapartida contribui drasticamente para um

histórico de queda de visibilidade e venda dos produtos da agricultura tradicional e familiar.

Ainda sobre os impactos negativos, as estradas permitiram também a instalação de empresas madeireiras que utilizam da mão de obra que antes era rural, e que além de levar um contingente significativo de pessoas do trabalho do campo para trabalhar nas fábricas ou cidades -êxodo rural-, também contribui na transição e perda dos saberes populares, quando no despovoamento das regiões e perda de contato direto e manutenção das suas práticas de manejo mais estreitas com o ambiente. Já que os produtos passam a vir prontos e os trabalhos passam a ser mais formalizados em empresas de madeira e indústrias em cidades próximas, a consequência é essa transição cultural que se origina nos modos de produzir, consumir e nos modos de habitar e pensar.

Nas narrativas dos mais velhos, no entanto, é evidente a expressão de um sentimento de pertencimento à condição de antigamente, que embora se apresente com influências já de uma urbanização, encontra em suas falas algo que expõe a sua colocação como um elemento que traz delas suas vivências e histórias de maneira nostálgica, além de outros saberes trazidos nas narrativas também de modo muito afetiva.

3.5 “EU ME CRIEI DORMINDO NUMA ESTEIRINHA DE PIRI¹⁰”: ETNOCONHECIMENTO E OS MODOS DE VIVER NO AMBIENTE

Piri, quer ver... é quase daquele que tem ali ó, no banhado ali... só um pouquinho diferente, aquele ali é Taboa, mas dá pra fazer esteira também. Daê trançava com (...) Nem sei que jeito trançava com Embira¹¹, anssim fazia uma esteirona assim, daê estendia a esteira e a gente deitava tudo anssim (...) E tinha de monte tudo esses banhada aqui tinha piri.(...) A Embira dá uma árvore daí, a casca da árvore que faz a Embira para fazer a esteira. (Dona Noêmia)

Os índios que faz esteira, faz balaio, faz peneira, faz de tudo... vão trançando. (José Afonso)

Nós se criamos só com remédio do mato, nós não tinha remédio de farmácia, de médico não só de remédio do mato, tinha um tar de Milome que é um cipó que dá pra gripe. (Dona Noêmia)

Aí tem até tigre, agora ano passado um tigre pegou um terneiro meu ali, não quebrou por que de certo as vacas acudiram, mas daí estourou aquele gado pra cá e arrebentaram cerca, e vieram aqui e os cachorros também foram, acho que foi isso que afugentou, seis cachorros e de certo que ele achou que não

¹⁰Piri: (*Cyperus giganteus*) é uma planta palustre da família das ciperáceas. Sua folhas e colmos são utilizados no fabrico de esteiras, produzem fibra semelhante à do linho e fornecem celulose de ótima qualidade. Também é chamada de capim-de-esteira, periperi, periperiaçu, pipiri, piripiri e tabira.

¹¹Árvore da família *Thymelaeaceae*, As fibras da entrecasca são utilizadas como tiras para amarrar sacos, paneiros e redes. (ROSSI, 2005)

dava pra enfrentar os seis e ele correu.[...] acho que em época de criar ele procura a criação porque não acham caça suficiente, né? Porque os caçador espantam muito, né? Então tem muito caçador.(...) Óh aqui tinha Javali tinha cateto, tinha mais bicho e eles não atacavam muito aqui. O javali não tinha de primeiro, mas tinha o cateto, né?. Agora o javali ta se criando de uns tempos pra cá, mas é, onde anda o javali anda o tigre também. Porque ele vive da caça então aonde o cateto e o javali vai ele tá junto. (Seu Bonifácio)

Mas de vez em quando aparece a cada passo Bugio ai, aparece iih, aqui faz um tempinho já me varou um por ali bugio, me varou um macaco. O macaco é pequenininho, o bugio é grandão. (Seu José de Afonso)

Aqui nesses canhadão aqui, apareceu até a onça aqui, não faz muito, uns quatro ou cinco meses. Por ai... Agora é mais difícil porque acabou tudo os mato, dae os bicho se ausentaram. (Dona Noêmia)

Nas falas acima, podemos identificar muitos conhecimentos e concepções sobre os elementos ambientais e suas relações ecológicas. Nos trechos, evidenciam-se seus entendimentos relativos às classificações biológicas e as relações ecológicas por eles interpretadas que são resultados das suas observações. Relatam concepções e também utilidades e características de plantas, tipos de solos onde podem ser encontradas, e interações entre os diferentes grupos da fauna local e seus efeitos ecológicos. Essas narrativas nos mostram um vasto conhecimento sobre os aspectos ambientais.

Antigamente, as práticas de trabalho no Jati baseavam-se em pequenas roças que suprimiam pequenas quadras de vegetação. Quando abandonadas, iniciam seu processo de restauração, naturalmente. Hoje o

que se nota é um mosaico de verdes que aos poucos vem sendo tomado por cultivo comercial de *Pinus sp* e *Eucalyptus sp*.



Esse processo de transformação ganhou o olhar atento de Seu Bonifácio, que me relatou a percepção de que seu ambiente está sendo invadido por uma nova prática de trabalho, e que vem alterando todo um contexto ambiental. Em uma das conversas que tive com ele, uma de suas histórias impressionou-me pela forma com que o mesmo abordou o ciclo natural da água e a sua relação entre a floresta preservada, os plantios silviculturais, a disponibilidade e a qualidade da água do solo e das nascentes:

Antigamente esse ribeirão era maior, né? Tinha mais água (...) Agora vai saber, de certo que as floresta desmataram um monte na cabeceira do rio e diminuiu a água, né? E essa lida de plantas de pinus chupa muito a água, ela deu diferença a água, sempre deu. Mas é, como diz o ditado: dava pra pensar, né? Que a

desmatação que fez, né?(...) Porque cê vê pra cima do Zarvo¹² era capoeirão ali né? Hoje é gramado, então com o tempo de aumentar a água diminuiu.(...) Dae vai lá pra cima que é a cabeceira da água é pino. Com o tempo de a terra aumentar a água, as árvore aumentar a água pra correr nas canhada¹³ ela diminui.(...) Tem que diminuir mesmo, porque daê o pino chupa. Porque o pino é um plantio que não sei porque o governo publicou isso ai, é um coisa que chupa a água e não transmite de vorta pra terra (...) O “Calipi” (eucalipto) ainda transmite a água pra terra, o pinus não, ele transmite pras folhas. Então você pode ver se for cortar lá debaixo de um pé de pino, você pode cavocar pro cê vê como é seca a terra, chupa tudo a água e daí não vorta pra terra. (...) Porque as outras madeiras tudo vorta. Pro cê vê é uma natureza que Deus deixou. Porque a água, a madeira transmite pra crescente vai pras folha e daê entre a minguante, transmite pra terra.(...) Tudo que pôr na terra é transmitido assim também, né? você pode notar se você plantar uma roça, aí você vá no meio da minguante pro cê vê, ela tá tipo pálida, porque ela ta transmitindo a água pra terra, mas que você vá na crescente, ela preteia, elas se animam. Pra crescente elas se animam, e pá minguante elas se desanimam, porque a terra tá chupando a água que ela tem, né? Isso ai como diz o ditado é uma pagina que Deus deixou assim, né? (Seu Bonifácio)

As observações e as experiências vividas na prática estruturaram no saber desses povos rurais alguns conceitos que também são

¹² Morador do alto vale.

¹³ Planície estreita entre montanhas, terreno baixo

científicos e construídos na academia, de tal forma que os mesmos trazem nas suas narrativas, nas metodologias das práticas de trabalho, bem como nas consequências dessas práticas, no seu trabalho individual ou nos trabalhos coletivos. É através destas observações e experiências que esses sujeitos aprendem e ensinam sobre o ambiente e assim constroem o cenário do lugar, inferindo nas mudanças que acontecem no mesmo, sejam elas físicas e/ou socioculturais. Assim como foi possível observar nas narrativas anteriores, muitas das falas desses moradores rurais apresentam caráter positivo ou negativo, mas o fato é que todos relataram uma grande mudança em curso do tempo, seja nos fatores sociais ou ambientais.

Porém, o mais importante é este levantamento, colheita de elementos que podemos levar em consideração e nas ponderações que temos diante das situações dos tempos, lugares e dessas pessoas. Elementos que nos revelam uma vasta bagagem do saberes populares que podem contribuir para os futuros projetos de educação ambiental, desenvolvimento territorial sustentável, gestão ambiental, entre outros, junto aos moradores do Vale do Jati.

Na questão ambiental que defendemos aqui, devemos inserir tanto questões sociais, subjetivas e culturais relativas a conservação e a valorização desses saberes que emergem das narrativas, trazem histórias de vida de resistência e atenção, servem como modelo e ponto de partida para que as próximas gerações possam se reconhecer também como a resistência do Povo Rural. Desta forma, ajudando estas novas gerações para que criem sua própria autonomia e o seu modo de viver.

Outro ponto importante a ser ressaltado é quanto a organização Popular desses sujeitos do campo, que aos poucos perde força com o avanço da modernização sobre o meio rural, criando-se vácuos entre os mesmos, falta de auto-reconhecimento e diálogo de forma a desarticular suas formas de vida mais coletivas, a exemplo da base de trocas de produtos e horas de trabalho conjunto.

Fora o desmatamento, o mais ruim que foi é, faltou a comunhão do povo. Porque antes tinha a comunhão. [...] O povo com a união vão longe, faz a guerra. Mas desunião acaba, é isso

que tá indo embora o povo pra cidade. Perde o jeito de viver no mato, né? (Seu José Bonifácio)



3.6 EU GOSTO DA NATUREZA, DE ANDAR PROS MATO: PERTENCIMENTO AO LUGAR.

Com todas essas narrativas e reflexões acima, compreendo que o povo no Vale do Jati preza pela harmonia de vida e de trabalho com a natureza e com as pessoas com as quais convivem. E que seu sentimento de pertencimento e da condição atual do lugar, favorece uma sensação de abandono e de infortúnio da região, em função do abandono da vida simples no campo. E fica um tanto evidente a saudade e a vontade de voltar aos tempos de vida simples e tradicional do lugar.

Pois eu acho que vai diminuindo cada vez mais, cada vez mais vai se acabando o povo e vai virandinho... O meu filho do céu[...] eu fui “campiar”(procurar) um cavalo que fugiu pelo corredor e eu fui campiano, sabe? Reparei



que tá tudo deixado ai, home do céu! Dali da Esperança pra adiante vai ter morador lá descambando, lá pra estrada de São Lourenço, e aqui pro lado dos Pinto, aqui, não tem morador também, tá tudo abandonado, tudo sertão(...) E vai indo anssim, né? Os matos vão vortando de novo e acaba os moradores e tudo vira tapera, você vê?(Seu Bonifácio)

3.7 “MEU FILHO, EU LHE CONHEÇO UMA SAÍDA, CASO VOCÊ DECIDISSE SER CONTADEIRO.”¹⁴

(Mia Couto, 2007)

Desde sempre imaginava como seria uma vida morando no Jati, no começo ainda criança era fácil pensar que ali fosse ser pra sempre do mesmo jeito, imutável. Talvez pela presença ainda dos meus falecidos avós e parentes, cuidando e manejando as suas propriedades. Sempre me diziam que a vida ali era difícil e que a vida na cidade é muito mais vantajosa.

Já depois, mais “adulto”, ainda resistente nesse imaginário de ter uma história ali, quando passo a divulgar a ideia de maneira mais expressiva para os que ali vivem e convivem, mesmo que esporadicamente, nunca conseguia chegar a uma conclusão de o porquê

¹⁴ Trecho do livro: *A varanda de Frangipani*, de Mia Couto, 2007 Editora Companhia das Letras.

as pessoas tentarem me desencorajar e desacreditar, com questões do porquê alguém pudesse querer morar ali.

Em uma das conversas durante minha visita ao Seu José de Afonso, constatei que essa percepção, (de ser um lugar “ruim” de viver, abandonado, sem perspectivas futuras) não partia da dúvida, mas sim que dali não havia mais prosperidade ou futuro profissional, que já se passou o auge do lugar e o que resta agora é sair para a cidade.

Para nós esta bõa porque nós estamos aposentados, mas para uma piaçada jovem que nem vocês, se fosse para vocês viver aqui, vocês não viviam de maneira nenhuma... Pode por ai nos seus estudos que vocês não viviam mais aqui. Nós vive aqui porque nós somos aposentados, se plantar ai um litro de feijão e colher uma saca de feijão já da pra passar um tempo. Agora se você viesse, com sua família aqui e se “acarcasse” a plantar roça, de certo que colhiam 30 sacas de feijão e não ia vender nada. (Seu José de Afonso)

Essa fala do Seu José Afonso trouxe-me a luz de que toda essa dinâmica histórica relatada em todo o trabalho demonstra que a vida sempre foi difícil para os moradores do vale, e que agora estaria ainda mais difícil de viver por ali, por inúmeros fatores socioambientais, enquanto que por outro lado, demonstra que a cidade pode proporcionar uma boa vida e de qualidade.

Nesse sentido, ao fazer a comparação entre os dois ambientes – um deles cheio de “oportunidades e facilidades” que é a cidade e outro como “infortúnio e com as demandas e dificuldades” apresentadas por esse transformado ambiente do Jati – deixam o entendimento de que não seria o Jati ou o contexto rural um lugar de poucas expectativas, mas sim, nessa construção e reforço de um imaginário de que a cidade seria o lugar ideal para se viver, em detrimento do campo. Seria possível que eles estivessem “olhando sem ver”, ou seja, vivendo o seu ambiente ao seu modo, porém sem perceber as oportunidades e facilidades que uma vida no mato pode nos trazer. Passo a refletir que estes sujeitos podem estar acostumados a não mais olhar e ver em seu território um lugar rico, valioso e cheio de possibilidades, assim como eu vejo agora, olhando com outras percepções e com a multiplicidade de percepções que escutei nas narrativas.

Com isso, percebo um encontro entre minha carreira como educador ambiental e os meus sonhos de retornar e reconstruir o Jati enquanto um lugar próspero, rico e cheio de possibilidades, este encontro esta NAS SUAS HISTÓRIAS.

Sim, as histórias contadas a partir da retomada de suas narrativas, que podem e devem passar a assumir um caráter de ascensão do lugar, para que todos que as ouçam tenham vontade e desejo de fazer parte dela, construindo pensamentos e práticas em função disso. Histórias que não fazem comparações depreciativas entre o campo e a cidade, de forma que ambos ambientes tenham influências positivas em suas formas de viver e se relacionar com o ambiente, e que acima de tudo, que eles possam ter autonomia e participação diante das mudanças que acontecem.

E assim como Antônio Biá, personagem do filme Narradores de Javé, vejo mergulhei num universo cultural e ambiental cheio de subjetividade, e trouxe na transcrição e arranjo das histórias narradas e costuradas, as variadas perspectivas que compõe este coletivo sobre seus próprios modos de viver no Jati. Diferente do personagem do filme que nada sistematiza, entrego por resultados dessa escuta, esse compilado de falas, pensamentos, reflexões e saberes que buscam retratar um pouco desse lugar, da sua história e da cultura que resiste nas memórias na cabeça e no corpo do seu povo.

4. OS DESFECHOS EM BUSCA DE UM NOVO COMEÇO.

Com proposto, realizei um encontro entre todas as pessoas envolvidas na pesquisa, no dia 02 de novembro. Adentramos novamente no Vale do Ribeira em direção ao Jati. Com os objetivos de devolver aos sujeitos, todos os resultados e considerações levantadas até então, e agradecer aos mesmos pela ajuda disponibilizada. Pensou-se em realizar uma sessão de cinema com uma confraternização simples, ainda retribuir cada sujeito com algumas lembrancinhas dedicadas a cada um, além de um café coletivo que lhes proporcionasse um momento de bate-papo e descontração.

Casa-a-casa, passamos a fazer o convite para os senhores que contribuíram com suas histórias, memórias e saberes para a realização da pesquisa. Como se tratava de uma data de recesso (feriado de finados), em cada casa havia visitas de familiares que moram na cidade, para os quais o convite foi estendido.

Com quase uma totalidade de aceites – com exceção de Dona Jesuisa que recusou o convite por questões religiosas – o resultado foi um encontro repleto de familiares das pessoas entrevistadas, de varias idades, e que também tiveram suas histórias ligados ao Vale do Jati. O evento foi realizado em uma das casas de meus familiares, onde fiquei hospedado durante as vivencias.



E enquanto aguardávamos a chegada dos convidados fomos preparando o ambiente de forma a recebê-los da maneira mais acolhedora possível. No local foi preparada uma mesa com comes e

bebes, alguns quadrinhos e fotografias retiradas durante realização da pesquisa, e que foram dados de presentes a todos os envolvidos, bem como algumas lembrancinhas pessoais que dediquei aos meus familiares que ajudaram na realização do trabalho. Entre outras lembrancinhas dadas às senhoras e aos senhores, organizei ainda um kit de sementes crioulas, mudinhas de plantas ornamentais, algumas guloseimas, etc.



Também foi preparada uma tela para a sessão aberta de cinema, contudo cancelada por problemas no sistema de energia elétrica da residência. Erguemos um pano de fundo que enfeitou o ambiente com os recortes das falas desses senhores, estruturada de forma a contar uma pequena história com as próprias narrativas deles, e que serviu de gatilho para as conversas sobre o trabalho e a apresentação das considerações.

Aos poucos iam chegando os senhores acompanhados de seus familiares, iam se acomodando, cumprimentando-se entre si e gerando desde já uma roda de chimarrão e conversa.





Após a chegada de todos, para iniciar a conversa, pedi-lhes para que se acomodassem e expliquei todos os motivos que me levaram a realizar a pesquisa, e que traria neste momento os resultados da mesma para que pudéssemos refletir juntos sobre a importância das histórias do local.

Pedi o chapéu de Seu Bonifácio, botei na cabeça, e li os recortes expostos, interpretando cada um deles, e ao final, coloquei minhas considerações. Agradei imensamente cada um deles ao entregar as lembranças e após as falas complementares de vários dos sujeitos ali presentes, finalizamos com um delicioso lanche no final de tarde.



O encontro ficou marcado pelo caráter nostálgico e de enaltecimento que as memórias que surgiram e eram reveladas causavam. Um múltiplo de emoções naqueles que guardam em suas memórias as histórias que viveram no vale. Pude perceber pelos olhares, pelas falas e reações de cada um, o desejo de viver e fazer multiplicar as histórias no Vale do Jati.



O encontro possibilitou um ambiente de diálogo entre os sujeitos que passaram a assumir um maior movimento de empoderamento e valorização da mobilização social coletiva, abrindo-se para que essa prática possa ser algo comum a todos do Jati. Pelas conversas, notou-se o estímulo a ação da fala e da escuta entre eles, contagiando para que todos da comunidade que se sintam a vontade de fazer parte das melhorias locais e de lutar suas próprias lutas na região.



CONCLUSÃO

QUANDO A GENTE MAIS PRECISA DO TEMPO...

Durante uma vivência fria do inverno paranaense, os mates eram o que esquentavam as conversas. Entre uma casa e outra eu caminhava pelos estreitos carreiros dentro do vale, lugares que constituíram meus momentos de reflexões pessoais em relação a minha história com o lugar desde criança, relacionando isso entre as causas e consequências naturais e antrópicas para as mudanças que podia observar.

Contudo, foi através da escuta ativa que hoje compreendendo quanto tempo passou, quanta coisa aconteceu, o quanto aquele lugar havia mudado. Foi diante das perspectivas desses moradores ao longo desses anos vividos, e ao comparar estas mudanças que também havia percebido, é que pude relacionar os fatos acontecidos no contexto sociocultural da população. Só assim pude compreender melhor, vivenciando as relações que ocorrem no ambiente local.

Foi diante de todas as problemáticas e dificuldades que pudemos identificar nas narrativas colhidas a exemplo dos avanços do desenvolvimento urbano-, que compreendo melhor a forma de me colocar como agente ativo diante das mudanças socioambientais da região. Fortaleço meu desejo de estar presente, construindo como biólogo, professor e educador ambiental, posicionando-me e assumindo também a luta pelas populações rurais, dando ênfase à autonomia e valorização dos saberes populares, facilitando a articulação entre estes sujeitos e a academia, assim como aos órgãos de gestões públicas.

Como uma importante ferramenta deste emaranhado de relações, sinto que as narrativas em muito colaboraram para que se pudesse incorporar á discussão ambiental parte da cultura, da economia, da subjetividade, entre outros, na tentativa de entender como vivem, e porque vivem de tal maneira no Vale do Jati. Ajudou a entender a dinâmica de vida em cada um desses eixos e quais suas influências nas configurações atuais desse cenário chamado Jati.

Pude perceber muitos dos obstáculos vivenciados pelos moradores da zona rural frente a um avanço urbano que atropela uma forma de viver tradicional e mais sustentável já existente ali e agora em declínio. Penso que este quadro pode pior a situação para as futuras gerações, seja pela desvalorização dos saberes e jeitos de viver dos moradores locais, seja por muitos outros conflitos sociais, como disputa de terra – não entre seus vizinhos que me parece bem claro estarem cientes de seus limites cantados há anos pelos seus pais, avós – mas de empresas que vem explorando a região para a prática da silvicultura em

extensão e exploração de minérios e mão de obra – gerando vários impactos ambientais e sociais para a comunidade rural e conseqüentemente mais êxodo rural, levando consigo toda a expressão da cultura que se acumulava durante anos.

Enquanto me movimento por entre as percepções nesse cenário, procuro entender-me como parte dele, para assim planejar essas estratégias de desenvolvimento junto aos moradores locais, mediando e equiparando os saberes populares e acadêmicos, dando autonomia e facilitando o empoderamento dos sujeitos rurais, moradores das comunidades no Vale do Ribeira, diminuindo com isso as conseqüências das injustiças ambientais identificadas na pesquisa.

A pesquisa me trouxe para um mundo novo cheio de possibilidades e caminhos não somente no Vale do Jati, mas em todo o território do Vale do Ribeira. Pude perceber que seu povo ainda resiste e precisa de mais atenção diante das suas necessidades e demandas. Mais do que escutá-los, é importante agora mediar esse diálogo para que os mesmos possam perceber também as suas posições socioambientais e com isso empoderar-se e participar ativamente de uma nova história que vem sendo escrita, de forma a ressignificar e dar valor aos seus ambientes, para que as próximas gerações cresçam com vontade de exaltar o seu ambiente, torná-lo rico, fortune e próspero, e não o contrário.

Nas questões socioambientais, acredito que, com a valorização do ambiente, desperte-se nos moradores a vontade de ficar, de colocar-se, e entender-se como um educador ambiental com o objetivo de proteção e conservação do mesmo, o que já pode ser constatado com os desfechos desse trabalho. Desejo para mim e para os sujeitos rurais, o engajamento em movimentos de luta por políticas públicas de desenvolvimento territorial, em defesa das pessoas que convivem, visando uma melhoria na qualidade de vida dos mesmos, reduzindo assim o êxodo rural e a perda de saberes populares da região.

No que tange os meus projetos futuros de pesquisa e extensão na região, pude perceber os pontos de entrada nessa história, para o desenvolvimento de projetos aliados a Permacultura e a Educação Ambiental, de forma bilateral, aprendendo e ensinando, sobre as mais diversas percepções, conceitos e práticas presentes no contexto do ambiente, para poder atuar como um educador ambiental junto a comunidade, visando a manutenção dos seus saberes populares que são indicativos muito fortes das condições de vida do passado, do presente e também do futuro.

Em relação às ferramentas de trabalhos utilizadas na pesquisa, considero que as junções entre campos teórico-práticos da Educação Ambiental e Etnoecologia, possibilitaram uma maior compreensão dos saberes narrados, o que foi e será fundamental para a elaboração de projetos futuros de cunho socioambiental na região do vale do Jati.

A utilização da História Oral, registrada através de áudio, é sem dúvida bastante produtiva e repleta de possibilidades, orientando ainda mais os objetivos investigativos acerca dos saberes dos moradores rurais e de sua memória, de forma a dar escuta e vez para seus moradores que são os verdadeiros sujeitos da mudança local em curso. Essas escutas foram muito importantes pela aproximação que pude fazer com o histórico do lugar e as mudanças sociais que ali sustentaram a atual forma de vida desses moradores.

A partir das narrativas e dos saberes colhidos foi possível compreender quais são os fatores que interferem na alteração da paisagem e nos modos de viver e por fim, tecer um cenário com outras versões desse histórico socioambiental, como ainda, para melhor localizar a relevância dos sujeitos e dos seus saberes em seu contexto ambiental local.

A cultura dos povos rurais, com suas práticas e percepções, ressignificam valores dentro das estratégias de conservação ambiental e amplificam as possibilidades para que esta seja participativa, além de ser à base da reprodução social-cultural destes indivíduos e de suas práticas.

Mediante o resgate das narrativas dos sujeitos e sua análise, foi possível tecer uma colcha de retalhos onde cada trapo de pano representa uma possibilidade de investigação positiva, gerando contextos que podem vir a trazer grandes contribuições às bases da Etnoecologia e da Educação Ambiental, numa escala local, mas com pensamento global.

A fotografia foi uma ferramenta muito importante na busca pela compreensão do cenário socioambiental no vale do Jati, trazendo elementos do cotidiano e da relação entre Homem e Natureza que se processa no local, ampliando ainda mais o alcance do propósito do trabalho.

Sendo assim, e por fim, a continuidade deste trabalho através da renovação/ampliação do projeto, assim como a aplicação de novas metodologias propostas, e da participação maior deste coletivo de sujeitos ecológicos do Vale do Jati, possibilitará ainda mais a compreensão destes resultados preliminares levantados, e ajudará ainda mais a conservação ambiental, cultural e social no território do Vale do Ribeira.

5. REFERÊNCIAS

ANGELIS, T. DE. Plano Territorial de Cadeias Produtivas (PTCP) da Banana Território Vale do Ribeira - PR. **SDT/MDA - Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário**, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERKES, F. **Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management**. Taylor & Francis, 1999.

BOTELHO, R. G. M. PLANEJAMENTO AMBIENTAL EM MICROBACIA HIDROGRÁFICA. **Erosão e Conservação dos Solos**. 1º ed, p.269–300, 2009. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CALIJURI, M.C.; BUBEL, A. P. . Conceito de Microbacia. **As florestas plantadas e a água: implementando o conceito da microbacia hidrográfica como unidade de planejamento**. p.218, 2006. RiMa.

CARVALHO, I. C. DE M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAVALLI-SFORZA, L. L. Genes, peoples, and languages. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 94, n. 15, p. 7719 LP-7724, 1997. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/94/15/7719.abstract>>. .

CODES, D.; BARZANO, M. A. L. São Francisco do Conde: lugar de memória ambiental. **Ciencias humanas e sociais em revista**, v. 35, p. 114–125, 2013.

CODES, D. H. C. DE; BARZANO, M. A. L. “Me criei no mar, em cima do mar”: pescadores, narrativas e fotografias em São Francisco do Conde-BA Davi. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 65–79, 2015.

DIEGUES, A. C. S. A.; ARRUDA, R. S. V; DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (BRAZIL), P. N.; DE SÃO PAULO. NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA SOBRE POPULAÇÕES HUMANAS E AREAS UMIDAS BRASILEIRAS, U. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, Centro de Informação e Documentação Lu{\i}s Eduardo Magalhães-CID Ambiental, 2001.

GANZAROLLI MARTINS, D. **UM EDUCADOR-NAVEGANTE EM MARES GANCHEIROS: ENCONTROS ENTRE ETNOECOLOGIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA APA DO ANHATOMIRIM**, 2015. Universidade Federal de Santa Catarina.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. DOS S.; CARNIELLO, M. A.; DA SILVA, C. J.; PASA, M. C. Etnobiologia, etnoecologia e etnobotânica: as conexões entre o conhecimento humano e os ambientes em Mato Grosso, Brasil. **Etnobiologia e Etnoecologia**. 1º ed, 2010. Recife: Nupeea.

GUIMARÃES, L. B. Construindo um tema de pesquisa sobre educação e meio ambiente. In: L. B. Guimarães; P. Brügger; S. C. de Souza; V. L. V. de Arruda (Orgs.); **Tecendo Subjetividades em Educação e Meio Ambiente**. 1º ed, p.9–22, 2003. Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

HANAZAKI, N. **ETNOECOLOGIA, ETNOBIOLOGIA E AS INTERFACES ENTRE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O CONHECIMENTO LOCAL**. Florianópolis, 2006.

HANAZAKI, N.; FREITAS, R. **ETNOECOLOGIA, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE. Tecendo reflexões em educação e meio ambiente**. 1º ed, p.45–58, 2011. Florianópolis: Editora UFSC.

HAUER, M. **As florestas no paran: um processo de involuo**. , p. 27–44, 2010.

HOGAN, D. J.; CARMO, R. L. DO; ALVES, H. P.; RODRIGUES, I. A. Conservao Ambiental e Melhora das Condioes de Vida da Populao. **Ambiente & Sociedade**, v. II, n. 3 e 4, p. 151–175, 2013.

IBGE. **CENSO 2010**. , 2010. Disponvel em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10/1/2018.

MDA. **Sistema de Informaoes Territoriais**. , 2017. Disponvel em: <<http://sit.mda.gov.br/mapa.php?opcaomapa=TR&modo=0>>. Acesso em: 10/1/2018.

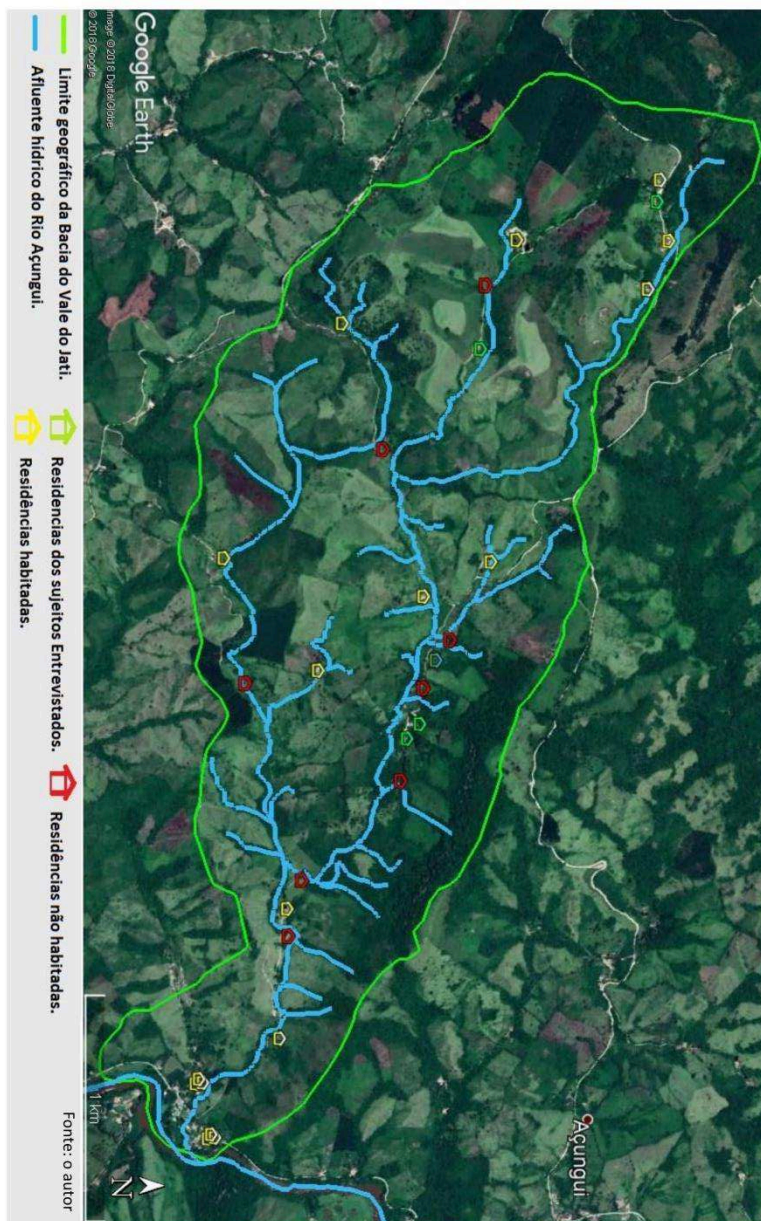
MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **Histria oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto, 2007.

REIGOTA, M. **O que  Educao Ambiental**. 2º ed. So Paulo: Brasiliense, 2009.

ROSSI, L. **THYMELAEACEAE**. So Paulo, 2005.

DA SILVA, R. R. V.; MARAGNON, L. C.; SILVEIRA, P. C. B.; ALVES, A. G. C. Etnoecologia e histria oral: usos e mudana em um fragmento florestal. **Etnoecologia em perspectiva: Natureza, Cultura e Conservao**. p.251–275, 2010. Recife: Nupeea.

APENDICE 1 – Mapa de localização dos moradores na Bacia do Vale do Jati



APENDICE 2 – Roteiro de questões-guias para entrevistas.

Nome, Idade e escolaridade. (Anotações básicas em caderno de campo;)

Onde o senhor (a) nasceu?

(Caso nasceu em outra comunidade, perguntar a quanto tempo mora no Lugar. Pergunta feita com a intenção de saber a origem do sujeito ecológico, e o tempo em questão sobre sua relação com o ambiente)

Como se chama esse lugar onde estamos?

(Possibilidades de reconhecer e indentificar o local pelas perspectivas das pessoas)

Como era o ambiente antigamente, você se Lembra?

E a relação que o senhor(a) com a natureza?

(Perguntas com a intenção de investigação do histórico; Motivação ao relato do ambiente do passado e das possíveis relações estabelecidas entre o depoente e a natureza. A depender dos espaços de relação expostos, acrescentar perguntas como: pra você, o que representa a floresta? Ou o rio? Ou os animais? Ou mesmo a cidade?)

O que foi que mudou de lá pra cá, o(a) senhor(a) acha que mudou?

Imagina por quê?

(Essa pergunta abre margem às interferências ocorridas que tocam o cotidiano do depoente, independente se de modo positivo ou negativo. Havendo a possibilidade de questionamento de qual a interferência em questão)

O que acha dessa mudança?

(Possibilidade ampla de resposta acerca das modificações, do tratar da natureza, da conservação dela e de sua história de vida)

Me conte sobre o seu trabalho, antigamente...

(Possibilidades de obter perspectivas subjetivas, de como ocorre as práticas de manejo do ambiente e obtenção de renda e alimentos)